



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULAS
LETRAS-LÍNGUA PORTUGUESA

Helena Loch de Oliveira

Abelhas, Cassandras e o fim do mundo: Explorando o romance *A extinção das abelhas* de Natalia Borges Polesso

Florianópolis
2025

Helena Loch de Oliveira

Abelhas, Cassandras e o fim do mundo: Explorando o romance *A extinção das abelhas* de Natalia Borges Polessio

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Letras – Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel(a) em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa.

Orientador(a): Prof. Tiago Guilherme Pinheiro, Dr.

Florianópolis

2025

Ficha catalográfica gerada por meio de sistema automatizado gerenciado pela
BU/UFSC.
Dados inseridos pelo próprio autor.

Loch de Oliveira, Helena

Abelhas, Cassandras e o fim do mundo : Explorando o romance A extinção das abelhas de Natalia Borges Polesso / Helena Loch de Oliveira ; orientador, Tiago Guilherme Pinheiro, 2025.

59 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Graduação em Letras - Língua Portuguesa, Florianópolis, 2025.

Inclui referências.

1. Letras - Língua Portuguesa. 2. fim do mundo. 3. abelha. 4. Cassandra. 5. negacionismo. I. Pinheiro, Tiago Guilherme. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Letras - Língua Portuguesa. III. Título.

Helena Loch de Oliveira

Abelhas, Cassandras e o fim do mundo: Explorando o romance *A extinção das abelhas*
de Natalia Borges Polesso

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de bacharel e aprovado em sua forma final pelo Curso de Letras – Língua Portuguesa e Literatura Vernácula.

Florianópolis, 26 de 11 de 2025.



Documento assinado digitalmente
LUANA BAROSSİ
Data: 17/12/2025 16:57:39-0300
CPF: ***.149.829-**
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Coordenação do Curso

Banca examinadora



Documento assinado digitalmente
TIAGO GUILHERME PINHEIRO
Data: 12/12/2025 13:00:44-0300
CPF: ***.338.859-**
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Prof. Tiago Guilherme Pinheiro, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina



Documento assinado digitalmente
Andre Cechinel
Data: 12/12/2025 13:20:13-0300
CPF: ***.793.329-**
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Prof. André Cechinel, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina



Documento assinado digitalmente
Thais Fernandes
Data: 17/12/2025 18:30:43-0300
CPF: ***.475.449-**
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Profa. Thaís Fernandes, Dra.
Universidade Federal de Santa Catarina

Florianópolis, 2025.

*Dedico esse trabalho à minha mãe e
ao meu pai, que sempre me apoiaram.*

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, que sempre me incentivaram a seguir em frente e me ajudaram quando estava nos meus momentos mais difíceis.

Ao meu orientador, que me guiou nessa jornada com paciência e bom humor, sempre me indicando novas leituras cativantes e ampliando meus horizontes de conhecimento.

Aos meus amigos/as/es, que ouviram minhas preocupações e estiveram ao meu lado durante todo o curso.

Aos membros da banca, pela sua disponibilidade, seu tempo e pelas sugestões dadas.

E a todos os meus professores ao longo do curso, que de uma forma ou de outra contribuíram para minha formação.

Por que tanto medo assim de uma queda se a gente não fez nada nas outras eras senão cair?

(Krenak, 2020, p. 62)

RESUMO

O tema do fim do mundo é um tema bastante explorado em diversas mídias, desde livros e filmes até *videogames*, por meio de narrativas que buscam imaginar os momentos antes, durante e/ou depois da catástrofe. Uma dessas narrativas é o livro *A extinção das abelhas*, de Natalia Borges Polezzo, analisado neste trabalho. Assim, pretende-se investigar os diferentes tipos de fim do mundo que aparecem na obra. Também intenciona analisar como a figura da abelha se constrói na narrativa e o seu papel metafórico na obra em comparação com a sociedade capitalista na qual a protagonista vive. Além disso, é explorada a questão ética do fim do mundo: indagando se o ser humano tem a responsabilidade de evitá-lo. Junto a isso, é analisado como o negacionismo diante do fim do mundo aparece na obra, relacionando-o com a figura mitológica de Cassandra, profetisa amaldiçoada por Apolo a nunca ter suas profecias acreditadas. Ademais, explora como o pessimismo e a ideia de que o fim do mundo é um destino inevitável, por conta da incapacidade de imaginar outros futuros, gera inação por parte da protagonista. Por fim, analisa-se como a solidão da personagem principal se manifesta na narrativa e como ela revela a sua ânsia por pertencimento, observando como personagem e obra atribuem uma grande importância ao senso de comunidade.

Palavras-chave: Teoria Literária; Literatura Brasileira Contemporânea; Natalia Borges Polezzo; fim do mundo; abelha; Cassandra; negacionismo.

ABSTRACT

The theme of the end of the world is widely explored in various media, from books and films to video games, through narratives that seek to imagine the moments before, during, and/or after the catastrophe. One such narrative is the book *A extinção das abelhas*, by Natalia Borges Polezzo, analyzed in this work. Thus, this study aims to investigate the different types of end-of-the-world scenarios that appear in the work. It also intends to analyze how the figure of the bee is constructed in the narrative and its metaphorical role in comparison with the capitalist society in which the protagonist lives. Furthermore, the ethical question of the end of the world is explored: questioning whether humankind has a responsibility to prevent it. Alongside this, is explored how the denialism of the end of the world appears in the work, relating it to the mythological figure of Cassandra, a prophetess cursed by Apollo to never have her prophecies believed. Furthermore, it explores how pessimism and the idea that the end of the world is an inevitable fate, due to the inability to imagine other futures, generates inaction on the part of the protagonist. Finally, it analyzes how the main character's loneliness manifests itself in the narrative and how it reveals her yearning for belonging, observing how the character and the work attribute great importance to the sense of community.

Keywords: *Literary Theory; Contemporary Brazilian Literature; Natalia Borges Polezzo; end of the world; bee; Cassandra; denialism.*

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	11
2.	OS DIFERENTES FINS DO MUNDO EM A <i>EXTINÇÃO DAS ABELHAS</i>....	15
2.1	OS DIVERSOS FINS DO MUNDO.....	15
2.2	OS FINS DO MUNDO EM A <i>EXTINÇÃO DAS ABELHAS</i>	17
3.	ABELHAS.....	25
4.	LIDANDO COM A PERSPECTIVA DE UM FIM (DO MUNDO).....	33
4.1	INAÇÃO, PESSIMISMO E SUICÍDIO.....	33
4.2	CASSANDRA, NEGACIONISMO E RESPONSABILIDADE.....	38
4.3	COMUNIDADE <i>VERSUS</i> SOLIDÃO.....	44
5.	CONCLUSÃO.....	55
6.	REFERÊNCIAS.....	57

1. INTRODUÇÃO

O que te escrevo não tem começo:
é uma continuação.
(Lispector, 2020, p. 39)

Imaginários do fim do mundo sempre estiveram presente na mente das mais diversas culturas humanas, desde a mitologia nórdica, com o Ragnarok, até o Cristianismo, com o Dia do Juízo Final, e o Islamismo, com o *Yawm al-Qiyāmah* (Dia do Juízo) ou *Yawm ad-Din* (Dia da ressurreição). No contexto popular contemporâneo não é diferente, há vários livros (como o que será trabalhado aqui, *O inferno que nos persegue*, *Crônicas de Nárnia*, *O último policial*), séries (*The 100*, *The Walking Dead*, *Fallout*), filmes (*Birdbox*, *Mad Max*, *Wall-e*, *Não olhe para cima*, *Maze Runner*) e jogos (*The Last of Us*, *Metro 2033*) que trabalham com esse imaginário.

Claro que isso não é algo exclusivo do contemporâneo. O fim do mundo já é uma questão antiga, explorada em diversas obras literárias anteriores ao nosso século. Em 1826, por exemplo, Mary Shelley publicou o livro *The Last Man*, história pós-apocalíptica em que uma praga devastou a humanidade. Aliás, diversas outras obras literárias menos contemporâneas também exploraram o fim do mundo vindo por conta de pestes e doenças: *The Scarlet Plague* (1912) de Jack London; *The Stand* (1978) de Stephen King; *Earth Abides* (1949) de George Rippey Stewart; e *I am the legend* (1954) de Richard Matheson. Há, também, evidentemente, obras que abordaram o fim do mundo vindo por outros motivos que não por pragas, como por exemplo: o filme *The World, the Flesh, and the Devil* (1959); o livro *A Canticle for Leibowitz* (1960) de Walter Michael Miller Jr.; o filme *The Day the Earth Caught Fire* (1962); o filme *The Creation of the Humanoids* (1964); o romance *God's Grace* (1982) de Bernard Malamud; e o romance *The Children of Men* (1992) de Phyllis Dorothy James.

Isto posto, este trabalho explora um dos livros contemporâneos que aborda esse tema: *A extinção das abelhas* de Natalia Borges Polezzo.

Natalia Borges Polezzo é uma escritora, tradutora e pesquisadora brasileira. É doutora em Teoria da Literatura pela PUCRS (2017) e fez pós-doutorado na Universidade de Caxias do Sul. Estreou sua carreira como escritora com o livro

Recortes para álbum de fotografia sem gente. Em 2021, publicou *A extinção das abelhas*, pela editora *Companhia das Letras*, que foi premiado com o Prêmio Minuano de Literatura na categoria Ficção e foi um dos cinco finalistas do Prêmio Jabuti na categoria Romance, os dois em 2022.

A história do livro *A extinção das abelhas* se passa em um mundo onde o uso excessivo e inadequado de agrotóxicos levou à extinção das abelhas, evento visto como o principal indicador do fim do mundo. Nele, acompanhamos, em sua maior parte, a personagem principal, Regina, enquanto ela tenta navegar dramas familiares, lutar com seus próprios demônios internos e conviver com um passado que a assombra. Tudo isso acontece ao mesmo tempo em que enfrenta a perspectiva de um não-futuro em um Brasil pós-pandêmico da COVID-19.

Regina é uma mulher de 40 anos que vive sozinha. Sua vida é marcada pela solidão e desesperança em relação ao futuro, além da descrença de que o mundo pode melhorar. Antes de viver completamente só, vivia com sua gata, Paranoia, que morre ainda no início da narrativa mas que a assombra durante a maior parte do resto da obra. Ela é diabética e tem que subornar uma enfermeira para ter acesso a insulina. O seu pai, alcoólatra, morreu ainda na sua adolescência e a sua mãe abandonou os dois para trabalhar no circo. Por causa disso, foi acolhida por duas de suas vizinhas: Denise e Eugênia.

O livro é dividido em três partes: a primeira parte explora a vida de Regina neste mundo pós-pandemia que está perto do colapso; a segunda parte é um apanhado de estudos científicos, reflexões, pesquisas e trechos de notícias; e, por fim, a terceira parte conta a jornada de Regina após o governo declarar o “[...] encerramento total e imediato [...]” (Polesso, 2021, p. 207) da região do Rio Grande do Sul, acompanhando sua luta para sobreviver nessa nova realidade.

No livro, a extinção das abelhas ocorre por conta da ação humana, e não por algo místico ou inexplicável, como aqueles encontrados em filmes de horror (como zumbis) ou antigas profecias de civilizações perdidas. Não, desde o início já se sabia que isso aconteceria se nada fosse feito para impedir o fim. A extinção, portanto, é responsabilidade da sociedade regida pelo capitalismo desenfreado. O pessimismo de Regina nasce, em parte, da recusa de grande parte da humanidade em assumir sua responsabilidade e agir para impedir o fim.

Assim, o livro explora o fim do mundo através de uma perspectiva mais subjetiva e internalizada, aprofundando-se em como a protagonista lida com o pessimismo decorrente da aceitação não apenas de um fim do mundo coletivo, mas também do colapso do *seu* próprio mundo interior. Ao mesmo tempo, a obra reflete o que significa um “fim do mundo”, de quem é esse fim e a quem ele afeta.

Nas próximas páginas, então, este trabalho tem o objetivo de explorar a forma que o fim do mundo é representado na narrativa da obra de Polesso, como a perspectiva desse fim afeta a protagonista e como aparece a questão do negacionismo dele na narrativa. A partir disso, investiga-se a figura da abelha, que é recorrente no livro, e a relação que se pode fazer da personagem da mitologia grega Cassandra com o negacionismo. Explora-se também o pessimismo de Regina em relação ao futuro e como ele leva à inação, bem como a solidão da personagem e sua busca por comunidade. Além de discutir a questão da responsabilidade das pessoas perante o perigo de um fim do mundo.

Dessa forma, o primeiro capítulo discute sobre os diferentes significados de fim do mundo que estão presentes na obra de Polesso. Em seguida, no segundo capítulo, explora-se a figura da abelha na narrativa, investigando a relação dela com o fim do mundo da obra e com a sociedade capitalista que Regina está inserida. A figura das abelhas é importante nesta história, servindo como um espelho invertido, mas que compartilha o mesmo destino, para a sociedade de consumo capitalista. Uma imagem do que pode acontecer com o ser humano. As abelhas, portanto, fornecem uma imagem de contraste: coletividade em oposição ao individualismo; matriarcado em oposição ao patriarcado; viver pelo futuro da espécie em oposição a pensar apenas no presente imediato.

O terceiro e último capítulo é dividido em três sessões. A primeira aborda a questão do pessimismo da personagem e o modo como ele pode levar as pessoas à inação e paralisa frente ao perigo de um fim. A segunda explora como a figura mitológica da Cassandra, profetisa de Apolo que foi amaldiçoada a ter suas profecias sempre desacreditadas, reaparece na figura dos cientistas modernos e das pessoas que tentam alertar sobre o perigo da crise climática e o uso exacerbado de pesticidas mas são ignoradas. Além disso, debate-se a questão da nossa responsabilidade diante da iminência de um possível fim do mundo. Por fim, a terceira sessão fecha este trabalho discutindo como a solidão e a ânsia por sentir-se

pertencente a uma comunidade permeiam a narrativa de Polesso, estando no centro da personagem de Regina.

2. OS DIFERENTES FINS DO MUNDO EM A EXTINÇÃO DAS ABELHAS

2.1 OS DIVERSOS FINS DO MUNDO

Seria possível que, em vez de soltar um enorme suspiro de alívio biológico, o mundo sem nós sinta nossa falta?
(Weisman, 2007, p. 5 *apud* Chakrabarty, 2009, p. 2)

Há múltiplas formas de explorar e representar o fim do mundo em narrativas, além de diferentes visões sobre o que um “fim do mundo” significa. Primeiramente, em filmes e livros de grande popularidade, quase nunca é retratada uma aniquilação completa dos humanos ou a destruição completa da Terra. Em muitas histórias, há sobreviventes e/ou a Terra continua existindo¹. Mas, é verdade que em algumas obras, o fim da civilização é retratado como se fosse até algo benéfico ao ecossistema e à vida na Terra. O “fim” foi de seu “parasita” e não dela em si. Os autores brasileiros Déborah Danowski e Eduardo Viveiros de Castro (2017) comentam sobre essa visão em seu livro *Há mundo por vir? Ensaios sobre os medos e os fins*:

Um segundo modo de pensar a oposição entre a vida e a humanidade consiste em projetá-la para o futuro. A vida ressurgirá, invencível, em sua variedade e abundância, e reconquistará o território (a Terra) que a humanidade, agindo como um impiedoso invasor alienígena, havia transformado em um deserto de concreto, asfalto, plástico e plutônio. Esta visão paradoxalmente otimista da desapareição da humanidade – otimista porque o ponto de vista adotado é, obviamente, o da vida [...] (p. 43-44)

Esse tipo de visão também está de certa forma presente, por exemplo, na série *The Last of Us*. No episódio 9 é mostrada uma cena em que, após o colapso da sociedade, os protagonistas encontram um grupo de girafas vivendo no que um dia foi uma grande cidade e agora são ruínas tomadas por vegetação e por esses animais. Há uma reivindicação da natureza sobre aquilo que antes pertencia à “humanidade”. As cidades são tomadas por vegetação e animais selvagens voltam a

¹ Por exemplo: *The walking dead*, *The 100*, *Fallout*, *Wall-e*, *The Last of Us*, *Metro 2033*, *Mad max*, *Maze runner*, *Bird box*, etc. Em todos esses houveram sobreviventes e a terra continuou existindo.

habitá-las. O mesmo pode ser observado na série *The 100*. Nela, a maior parte da humanidade está morando em uma nave no espaço, por conta de um apocalipse nuclear que ocorreu na Terra, causando que ela fosse tomada por um alto nível de radiação. Apenas depois de anos, após a queda da sociedade como a conhecemos e a fuga da maior parte da sociedade para fora do planeta, que a natureza consegue se regenerar de uma nova forma e o planeta volta a se tornar novamente habitável. Notem que, nas duas obras, ainda há seres humanos depois do colapso: o que teve fim foi uma forma de organização social.

Nas duas obras, então, o desaparecimento ou a drástica redução da civilização humana gerou um efeito “positivo” no meio ambiente. Essa visão pessimista em relação à sociedade é uma crítica à sociedade capitalista de consumo especificamente, que prioriza a produção e o consumo em massa em relação à natureza e ao meio ambiente (e, por consequência, à saúde dos seres humanos). Ou seja, trata-se do fim de um certo modo de vida e da exploração da vida de humanos, animais e plantas (de certa forma, da vida em si). Esse fim do mundo, portanto, não é do mundo em si, mas sim o colapso de uma determinada estrutura de exploração do planeta e dos seres que nele vivem.

Essa visão “positiva” do planeta sem o ser-humano, porém, não se encontra apenas na ficção, como Danowski e Castro apontam:

A concepção positiva da *wilderness* como “mundo-sem-nó” esteve no centro de alguns movimentos ambientalistas contemporâneos, como o preservacionismo radical, que teve sua atuação mais expressiva na segunda metade do século XX. Essa vertente do ambientalismo considera a existência dos seres humanos como essencialmente *desnaturante*, não hesitando portanto em propor a expulsão, para fora dos espaços “naturais”, de toda e qualquer coletividade humana localizada (via de regra, povos indígenas ou populações ditas tradicionais, isto é, com fraca inserção no mercado capitalista). (2017, p. 42)

Retomando, o fim do mundo pode ser retratado de várias formas: destruição de uma civilização (uma cultura particular)², de um modo de vida como entendemos (do capitalismo, por exemplo), do *status quo* (fim do “mundo” daqueles que se

²Um exemplo desse tipo de fim na nossa realidade é abordado por Ailton Krenak em seu livro *Ideias para adiar o fim do mundo*: “Um sujeito que saia da Europa e descia numa praia tropical largava um rastro de morte por onde passava. O indivíduo não sabia que era uma peste ambulante, uma guerra bacteriológica em movimento, um fim de mundo; tampouco o sabiam as vítimas que eram contaminadas. Para os povos que receberam aquela visita e morreram, o fim do mundo foi no século XVI.” (Krenak, 2020, p. 71)

beneficia de como as coisas eram), do ser humano como um todo, de toda a vida no planeta (como no filme *Não olhe para cima*) ou, nos mais extremos dos casos, do planeta Terra em si. O fim do mundo pode, ainda, ser o fim do “mundo” da personagem – do seu mundo interior. Um fim do que a pessoa entende como seu mundo, ou melhor, sua vida. Tudo que ela entendia como parte estruturante de sua realidade desmorona e, agora, sem saber como reconstruir ou como recomeçar, sem ver uma “saída” da situação presente, ela sente como se seu mundo tivesse chegado a um fim.

Regina é uma personagem que reflete com muita frequência sobre o fim do mundo e seus significados. Por conta disso, diferentes entendimentos de fins do mundo aparecem na obra de Polesso (2021) em reflexões, falas e pensamentos. A seguir, analisa-se cada um deles, buscando entender o que é compreendido como fim de mundo na obra, de quem ou do que é esse término, o que ele significa para Regina e o que ela sente em relação a ele. No começo, pessimismo, no fim, esperança de um recomeço em um mundo que a aceite.

2.2 OS FINS DO MUNDO EM A *EXTINÇÃO DAS ABELHAS*

Se já houve outras configurações da Terra,
inclusive sem a gente aqui, por que é que nos
apegamos tanto a esse retrato com a gente
aqui?

(Krenak, 2020, p. 58)

Durante o decorrer da narrativa Regina se depara com vários e diferentes fins de mundos. Há, de fato, uma discussão recorrente durante o desenvolvimento da história do que é um “fim do mundo”. A própria Regina se questiona várias vezes o que isso significa e a quem ele afeta de fato. Assim, há várias visões do que “mundo” e “fim” significam. Um dos fins que Regina percebe é o fim do “mundo” da pessoa (personagem) em si – do seu mundo interior. Um fim do que a pessoa entende como seu mundo: “Estavam todos sozinhos. Imensamente sozinhos. Cada um em seu fim.” (Polesso, 2021, p. 198). Cada um tem seu próprio “mundo”. Cada pessoa tem uma vida com experiências particulares e seu entendimento da

realidade vem das suas vivências. Suas vivências são seu mundo. Sua mente e forma de enxergar a realidade são seu mundo. Seus arredores e realidade social são seu mundo. O fim desse mundo, por exemplo, pode chegar com a descoberta de que há outras realidades de outras pessoas, saindo da bolha em que a pessoa vive e quebrando a visão que ela tem da realidade. O fim do mundo, então, pode ser o fim do que a pessoa conhece. O fim da sua própria realidade interna: “Quando tu imaginou o fim do mundo, não era o fim do teu mundo que tu imaginava, era?” (Polesso, 2021, p. 221). A personagem Aurora, mulher trans que Regina conhece na terceira parte do livro, expressa esse sentimento de fim do mundo pessoal: “Aurora já tinha vivido tantos fins de histórias e de mundo, tantos recomeços de vida, que aquele, apesar de ser o mais difícil até então, também era só mais um.” (Polesso, 2021, p. 289)

Isso acontece com o próprio mundo interno de Regina. Na primeira parte da obra há um fluxo de continuidade na confecção dos capítulos. Mas, o mundo de Regina desmorona com a morte de Dona Norma (e o encerramento da região do Rio Grande do Sul), da qual ela se sente culpada. Houve um fim do mundo para ela: O seu mundo acabou. Por conta disso, a partir da segunda parte do livro não há mais título. Há apenas capítulos sem título, com o lugar para o título em branco. Um vazio que Regina parece também sentir. Não se sabe mais nomear o que foi perdido ou o sentimento que a coisa que se perdeu causa. Por isso, na segunda parte os capítulos são desconexos, cada um tratando sobre uma coisa diferente, pulando entre temas. São fragmentos de pensamentos desconectados, saltando de pensamento em pensamento, caótico. Com a morte de Dona Norma seu mundo parou (de fazer sentido). O fogo consumiu tudo, sobrou apenas pequenos farrapos queimados de memórias desconexas. A falta de título dá a sensação de que algo está faltando, que agora só há um vazio no lugar deste algo que foi perdido.

No início da terceira parte do livro, Lu encontra Regina vivendo nas ruas e imersa em delírios:

Lu encontrou Regina longe do centro velho da cidade. Procurava Regina desde o dia em que encontrou a casa destruída pelo incêndio. Visitava endereços antigos e, quando se sentia segura, mostrava às pessoas uma foto. Mas não a reconheceram. Ela não era mais nada do que aquela da foto dizia. Encontrou Regina por acaso, dentro de uma casa abandonada, num bairro desertificado. Carregava uma mochila cheia de lixo e um gato morto. Fedia. (Polesso, 2021, p. 254)

Porém, Regina não a reconhece quando Lu tenta persuadi-la a acompanhá-la:

Regina olhou a cara familiar. Não a reconheceu. O rosto falava como se a conhecesse de outros tempos. Que tempos? Falava como se soubesse do jeito que tudo era antes do fim, antes desse estado de coisas, antes da duplicação do sol, da luz constante. Tenta erguer o corpo de Regina, tenta arrastá-la de onde está. Regina cai. Dedos machucados. O pé dolorido. A sujeira cobre seu corpo quase que inteiramente.

– Sai daqui. Como é que tu sabe meu nome? Meu nome é Regina. Significa rainha. (Polesso, 2021, p. 253)

Mesmo sem a reconhecer de início, conversando com Lu, Regina começa a sentir que a conhecia antigamente, numa “outra vida”:

Regina ficava erguendo os pés como se marchasse no mesmo lugar, como se quisesse cavar buracos com os pés de passos bambos. Olhava para Lu e agora tinha a sensação de que a conhecia, mas **de outra vida**. Regina refez algum percurso mental que a deixou um pouco incomodada. Um dia saiu dos muros de um condomínio, assistiu às notícias alarmistas com os dados de algum colapso. Um dia há tempos. Agora, onde estava? Saiu caminhando. Saiu caminhando. Lu foi atrás. Parou.

– Teve o fim, eu vi. Acabou tudo. **Isso aqui não existe mais.**

Tirou uma foto do bolso, uma **foto antiga**, desfocada, e mostrou a Lu. (Polesso, 2021, p. 255, grifo próprio)

Assim, após a morte de dona Norma e o encerramento do Rio Grande do Sul, Regina se viu sozinha e sem casa. Em situação de rua, a protagonista carrega uma foto antiga e um gato morto, ambos materializações de seu passado. Regina não consegue largar o passado e seguir em frente, tenta se prender à ele da forma que consegue. Mas mesmo assim, ela, de certa forma, ainda reconhece que tudo isso está apenas no passado: “Isso aqui não existe mais.”. A casa não existe mais. A sua gata está morta, assim como o gato desconhecido que carrega. O fim do mundo dela aconteceu de fato. Tanto que ela afirma estar morta para Lu:

– Estou morta.

– Não tá morta, tá viva.

O que fazia ali, se pergunta. A casa, a velha, soube quando foi levar o carrinho, quando foi já não havia nada.

E não há.

– Não sou rainha, sou uma assassina. (Polesso, 2021, p. 254)

Não só isso, como na segunda parte do livro é apresentada uma lista de animais extintos na qual encontra-se o nome de dona Norma, Paranoia e Regina.

“Animais extintos

Onça-pintada

Tamanduá-bandeira
 Rinoceronte-negro
 Tatu-bola
 Toninha
 Uacari
 Antílope-azul
 Quaga
 Girafa-albina
 Tartaruga-de-couro
 Pica-pau-amarelo
 Mico-leão-dourado
 Gato-maracajá
 Cervo-do-pantanal
 Boto-cor-de-rosa
 Ariranha
 Dona Norma
 Paranoia
 Regina (Polesso, 2021, p. 229-230)

O mundo interior de Regina colapsou: Regina morreu. Foi extinta. A sua “outra vida” teve um fim: A rainha não existe mais, resta apenas Regina, a assassina. A culpa a consome e ela ainda carrega o passado doloroso em sua consciência, sem conseguir se desapegar. Por isso, a segunda parte da obra é caótica: reflete a mente de Regina após a morte de dona Norma e o encerramento da região. Como Braga Neves coloca: “Nessa [segunda] seção, realidade e ficção se misturam. Há uma sequência de notícias verdadeiras que são apresentadas juntamente com elementos ficcionais do enredo [...]” (2023, p. 143), espelhando o estado mental de Regina: momentos de lucidez e loucura – “Parecia estranhamente lúcida.” (Polesso, 2021, p. 255). A própria Regina, em uma passagem da segunda parte do livro, reconhece que tem momentos de delírios, assim como admite que, mesmo depois de morta, Paranoia a “acompanha”:

Paranoia me acompanha.
 O bicho está sempre comigo. É muito ansiosa. Assustada. Qualquer barulho a faz esbugalhar os olhos e procurar alguma sombra, um rastro.
 Somos quase uma. **A simbiose perfeita do delírio.** Eu, desengonçada demais. Como se ela fosse capaz de corrigir o **meu desequilíbrio.** (Polesso, 2021, p. 204, grifo próprio)

Além disso, ao trazer notícias reais na segunda parte, o capítulo serve como “[...] alerta do apocalipse iminente do mundo real [...]” (Braga Neves, 2023, p. 143).

O livro também explora o fim do mundo como o fim de um grupo de indivíduos e de uma maneira de existir. Ou melhor, a exclusão deles de um “mundo”, como a amiga de Lu expressa: “Regina, teve um fim. Eles realmente querem o nosso fim,

mas o mundo não acabou.” (Polesso, 2021, p. 255). Várias pessoas já estavam excluídas deste “mundo” em que viviam. Já eram excluídas da sociedade, o mundo destas pessoas de certa forma já tinha acabado ou estava a caminho de acabar. Essas pessoas excluídas da sociedade (do “mundo”) já lutavam por sobrevivência num mundo devastado. Já lutavam para viver no que sobrou do mundo para elas, a morte: “Uma casa em que a classe média era a grande sobrevivente. Abaixo dela: a morte. Miséria, matança intitucional, suicídio.” (Polesso, 2021, p. 108); “O mundo precisava do sacrifício de todos, diziam. De quase todos. Os degradados, esses continuaram morrendo como morriam antes.” (Polesso, 2021, p. 226). Durante uma conversa com Regina, a personagem Pietra fala sobre essa exclusão: “Um mundo em que vivíamos, Regina, aquela invenção velha de mundo que colapsou na nossa cabeça. Aquilo eu não quero, aquilo sempre foi morte. A minha e dos meus.” (Polesso, 2021, p. 295)

Em uma conversa com Regina, Lu também fala sobre a exclusão que elas sofriam no “mundo” em que estava inseridas:

– Eu imaginava que no fim do mundo a gente teria que sobreviver, que a gente teria o objetivo de se manter vivo. Mas não. Honestamente? Eu já não sei se continuar viva é bom. A gente tá viva, mas não existe mais nada de nada do que a gente sabia do mundo.

– Existir, existe, né. Regina. A gente é que não pode participar. E sempre foi assim. Só que não a esse ponto. Não para nós. Isso até pode ser uma coisa boa, **a gente não faz parte do que eles chamam de mundo.** (Polesso, 2021, p. 276, grifo próprio)

E mais a frente, ela continua: “Nós fomos encerrados junto com a nossa área. O problema deles acabou ali.” (Polesso, 2021, p. 277). Elas são descartáveis para aqueles no poder, excluídas do mundo deles.

Assim, Regina reflete sobre como o fim do mundo afeta algumas pessoa mais do que outras, dependendo da classe social, da raça, do gênero, da sexualidade, e entre outros fatores:

Regina foi encaixando as peças: o fim do mundo, quem estava contabilizado neste fim do mundo, os excluídos, as excluídas, quem não merecia estar, quem não podia, quem não deveria, como essa onda ia arrebatando as pessoas uma de cada vez. (Polesso, 2021, p. 277)

Dessa forma, o colapso afeta mais uns do que outros – “Não, as coisas não pararam para todos, como pensávamos. As coisas seguiram para poucos, para muito poucos, como suspeitávamos.” (Polesso, 2021, p. 221) –, mas já há muito

tempo estava havendo um colapso que matava a parte excluída do “mundo”. Regina, mais a frente, reflete sobre isso: “A implementação do **colapso seletivo**. A ampla política dos genocídios. **Sempre presentes**.” (Polesso, 2021, p. 285, grifo próprio). Sempre presente porque o colapso de mundos não é algo novo, como Regina pensa em:

Quantos mundos já colapsaram antes deste? Quantos cataclismos? Invasões que significaram o fim para uns e o começo para outros? Para outras, nunca. Modos de ser, modos de fazer, modos de usar, invenções impostas. Uns chamam de colonialidade, outros chamam de a destruição dos mundos possíveis. Outros chamam de começo. (Polesso, 2021, p. 200)

O colapso de mundos, então, é algo recorrente. Vários mundos já acabaram antes: de civilizações colonizadas (como dos povos originários), de espécies extintas (como a das abelhas), povos aniquilados em guerras e invasões, entre outros. O fim de mundo de uns, porém, é o início do de outros que se beneficiam com esse fim (“outros” porque, como Regina lembra, as mulheres dificilmente são incluídas).

Assim, Regina percebe que o mundo que acabou era um do qual ela nunca fez parte ou era bem vinda por ser mulher e lésbica. Essa exclusão torna-se ainda mais evidente quando mulheres lésbicas e homens trans passam a ser perseguidos “por esporte”.

[...] sites que incentivavam a perseguição, o estupro e o extermínio de mulheres lésbicas e homens trans pululavam na internet e mais uma vítima havia sido encontrada morta. Era um jogo e tinha uma tabela bem específica de pontuação. Não era a *deep web*. Tava ali, acessível. [...] Era um jogo com milhares de participantes espalhados pelo mundo. Um jogo. De matar. Com pontuação e ranking” (POLESSO, 2021, p. 113-114).

Ou seja, os grupos excluídos e marginalizados desde sempre vivem no fim do mundo. Excluídos, caçados, mortos: o mundo que existe lhes é negado. Eles vivem em um perpétuo fim do mundo, ou mesmo em uma completa ausência de mundo.

E, claro, Regina reflete sobre o fim do mundo como sendo o fim apenas dos seres humanos: “A natureza permaneceria, era sábia. O fim do mundo era o fim das pessoas.” (Polesso, 2021, p. 283). Essa visão pode ser associada à ideia de Gaia de Isabelle Stengers, presente no seu livro *Tempo das catástrofes*, em que entende a natureza/mundo como sendo cega e indiferente. E ela assim o é “Pois a própria Gaia não está ameaçada, diferentemente das inúmeras espécies vivas que serão varridas pela anunciada mudança de seu meio, com uma rapidez sem precedente.”

(Stengers, 2015, p. 52). Ela considera que houve uma mudança da visão que se havia de Gaia antes, pois:

Já não estamos lidando com uma natureza selvagem e ameaçadora, nem com uma natureza frágil, que deve ser protegida, nem com uma natureza que pode ser explorada à vontade. A hipótese é nova. Gaia, a que faz intrusão, não nos pede nada, sequer uma resposta para a questão que impõe. Ofendida, Gaia é indiferente à pergunta “quem é responsável?” e não age como justiceira – parece que as primeiras regiões da Terra a serem atingidas serão as mais pobres do planeta, sem falar de todos esses viventes que não têm nada a ver com a questão. O que não justifica, de modo algum, uma indiferença qualquer em relação às ameaças que pesam sobre os viventes que habitam essa Terra. Simplesmente, não é da conta de Gaia. (Stengers, 2015, p. 52)

Gaia é indiferente aos humanos, às suas ações e aos seres vivos no geral. Ela permanecerá caso haja um fim do mundo. Quem deve se preocupar é aqueles que serão afetados. Diferente do que Regina falou, talvez não seja uma questão de Gaia ser “sábia”, mas de ela ser apática em relação ao fim da vida.

Em seu momento mais pessimista, Regina chega até a ver o ser humano como um parasita para a Terra. Na segunda parte do livro, durante a narração, Regina afirma que: “A gente sempre dá um jeito. A humanidade pode ser como as **pragas** que afetam tudo, que ocupam tudo. Daremos um jeito de sobreviver a mais uma catástrofe [...]” (Polesso, 2021, p. 200, grifo próprio).

Regina, então, não está lidando com o fim de apenas um mundo, mas com múltiplos. Ela presenciou a queda de vários deles e precisa lidar com a perspectiva de um não-futuro. Porém, mesmo que tenha ocorrido um fim, ainda há esperança e a chance de um recomeço. Um recomeço em que pessoas que antes eram excluídas farão parte da sociedade. Um novo mundo pode renascer das cinzas do antigo, através da luta por um mundo melhor com uma comunidade unida por um bem em comum. Assim, há esperança. Afinal, o que é fim senão a porta para um recomeço? Rosa Maria Martelo afirma, em seu artigo *Fim do Mundo / Reiniciar*, que para que seja, de fato, um “fim do mundo” deve haver a possibilidade de um recomeço, caso contrário é apenas um “fim”:

Em termos retrospectivos, podemos chamar fim do mundo à alteração substancial de um determinado estado de coisas ou relação de forças: se foi o fim do mundo, alguma coisa mudou drasticamente, ou vai mudar; e por certo terá havido confronto, ou mesmo confrontação, ruptura, porque do que se interrompe sem tensão alguma não diremos que “foi o fim do mundo”; diremos apenas que foi “o fim”: porque acabou, justamente. Já “o fim do mundo” não acaba com coisa nenhuma. Produz um interregno, uma

suspensão, um hiato; muda significativamente; mas o mundo deverá continuar a acabar dentro de momentos... (Martelo, 2015, p. 12)

Após o fim sempre há a possibilidade de um recomeço. Mas, ao mesmo tempo, a incerteza de quando tudo acaba e tudo recomeça é angustiante, como Lu mesmo fala: “Queria ao menos ter a certeza de alguma coisa. Isso é o que me angustia. Queria ter certeza até de que o mundo tenha mesmo acabado ou que esteja se acabando em algum lugar, pra começar um novo. Completo.” (Polesso, 2021, p. 275)

3. ABELHAS

Nós somos a extinção das abelhas. A
civilização. A sociedade de consumo. Nós.
Os não selvagens.
(Polesso, 2021, p. 296).

Por mais pequena que seja, a abelha tem um grande papel na narrativa de Polesso. Na história, começou-se a utilizar o número de abelhas como “[...] um dos principais indicadores de monitoramento do colapsômetro.” (Polesso, 2021, p. 216), aparelho que monitora diversos índices de diferentes regiões do globo, prevendo sanções a aquelas que passassem dos limites previstos. Parecido com o *Doomsday Clock*, em português *Relógio do juízo final* ou *Relógio do apocalipse*, talvez até inspirado nele, o Colapsômetro do livro parece servir mais como uma forma teatral de avisar o perigo do fim iminente, ou seja, uma espetacularização do fim.

O *Doomsday Clock* é um relógio metafórico que indica quantos minutos estamos para meia-noite, que seria o apocalipse e a auto-aniquilação. Ele é, então, como Thomas Macho coloca, uma “[...] contagem regressiva para um iminente fim do mundo [...]” (2021, p. 241). O relógio apareceu pela primeira vez na capa do *Boletim dos cientistas atômicos* de 1947, indicando 7 minutos para a meia-noite (Macho, 2021). Em 2025, o relógio foi ajustado para 89 segundos para meia-noite³, o mais perto que já esteve do horário final.

Na narrativa, Regina vê com ceticismo o Colapsômetro, entendendo-o apenas como uma forma de espetacularizar o alerta do possível colapso ambiental, acreditando que ele acaba não ajudando ou mudando em nada, apenas servindo como um monumento de espetáculo.

Eu fiquei pensando que os acordos, escritos em papel, com carimbos e assinaturas, não funcionam mais. Que os discursos embasados e os debates salutareis não funcionam mais. Estávamos mesmo na era do espetáculo de circo, na coisa material óbvia e redundante, só palavras não davam conta. Era preciso construir monumentos esquisitíssimos, com nomes ridículos e em algumas línguas impronunciáveis, para que as pessoas acreditassem nas palavras, nas promessas. Nos indicadores reais

³Notícia em:

<https://g1.globo.com/ciencia/noticia/2025/01/28/relogio-do-juizo-final-segue-proximo-do-fim-do-mundo.ghtml>

das coisas do mundo: os preços, as faltas, as mortes. A percepção de que as coisas estavam diferentes. Mas tinham banido relatórios e pesquisas dos debates oficiais. As previsões tinham desanimado as populações. E isso era muito ruim. A sensação de desânimo. Não se podia aventar dados de uma catástrofe potencial. Aí já era demais. O melhor era anunciá-la com um termômetro, fechamentos e pirotecnia. Isso gerava segurança. Afinal, todos poderiam acompanhar no aplicativo. (Polesso, 2021, p. 26)

Como a poeta Juliana Krapp explica, na narrativa de Polesso:

O colapso ambiental está acrescido do descrédito na ciência e de uma espécie de anestesia, ancorada na espetacularização promovida pelo regime hegemônico do pós-capitalismo. [...] Por isso era preciso criar monumentos, como o colapsômetro: para que as pessoas acreditassem nas palavras, nas promessas. (Krapp, 2023, p. 7)

Assim, ao mesmo tempo que criaram o Colapsômetro como um monumento para que as pessoas acreditassem nos alertas e nas promessas feitas pelos líderes, relatórios e pesquisas eram banidos dos debates oficiais para não “desanimar a população”. Fazer os dois ao mesmo tempo acaba sendo um incentivo à alienação e à anestesia em relação à gravidade real do perigo, pois espetacularizar a situação gera um distanciamento das pessoas em relação ao que está acontecendo, tornando-a apenas mais uma atração. Assim como, banir dados reais cega as pessoas a respeito da realidade alarmante, impedindo a sensação de urgência de agir e vontade de lutar. Vê-se isso quando, mesmo com presença do Colapsômetro, nada efetivo foi feito. Nada mudou. “Mas ninguém faz nada a respeito. Só observavam as luzes dançando para cima e mais para cima. Até que elas explodiram” (Polesso, 2021, p. 216).

Enquanto o *Relógio do juízo final* foi criado durante a guerra fria, movido pelo temor de um apocalipse nuclear, o Colapsômetro da obra de Polesso surgiu por conta do risco de uma possível catástrofe ambiental, utilizando como principal indicador as abelhas. Um possível fim vindo não de um dispositivo bélico criado pelo homem, mas de algo vivo e pequeno. A abelha, que contribui para a sobrevivência de tantas espécies. A bomba, um instrumento de morte. Um temor vindo da criação de algo, outro da extinção. Duas coisas tão distantes em tamanho e anatomia, mas que podem causar um impacto tão grande.

As abelhas experienciaram um fim de mundo no romance antes dos seres humanos. O primeiro fim do mundo que aconteceu descrito na narrativa foi o do mundo delas. Uma das primeiras sociedades a colapsar é aquela completamente

oposta à da sociedade capitalista na qual Regina está inserida⁴. Sociedade esta que é a responsável pelo seu fim (tanto das abelhas quanto do seu próprio). Mas porque as abelhas? Qual o lugar dela no imaginário ocidental?

O ensaísta, poeta e dramaturgo Maurice Maeterlinck investiga em seu livro *A vida das abelhas* a sociedade desses insetos, unindo observações científicas com reflexões filosóficas sobre suas estruturas sociais e modo como se relacionam em coletividade. A partir disso, o autor estabelece metáforas entre a sociedade das abelhas com a sociedade capitalista ocidental, explorando como o modo de vida delas reflete e questiona o nosso. Em seu primeiro capítulo, Maeterlinck (2002) aponta que, no começo, antes do biólogo holandês Swammerdam dissecar uma abelha, acreditava-se que a colmeia era governada por um rei. Mas, diferente do que os antigos acreditavam, as abelhas vivem em uma sociedade matriarcal. Dessa forma, nessa sociedade onde existe apenas rainhas e nenhum rei, onde as operárias são todas fêmeas e os machos “(...) nunca trabalham, vivendo à custa das fêmeas e não indo sequer procurar alimentos para si próprios (...)” (Maeterlinck, 2002, p. 103), quem tem o controle e poder é ninguém mais que as “mulheres”. Diz muita coisa que a primeira sociedade a ser extinta pela mão da sociedade patriarcal capitalista é uma matriarcal, pois o maior medo do patriarcalismo é as mulheres estarem em grandes posições de poder. Como Ana Mumbuca ironiza em sua obra *Voo das abelhas da terra*:

Para desfrutarmos melhor dessa festa, vamos colocar um fim nas relações harmoniosas com a natureza, começando pela eliminação completa dos insetos. As abelhas serão as primeiras a serem eliminadas, pois subestimam os humanos, colocando-os como incapazes de polinizar as flores e fazer nascer os frutos que os alimentam. Já que são referidas como “as abelhas”, no feminino, e nunca como “os abelhos”, no masculino, elas seriam mesmo elimináveis, pois o mundo é patriarcal. (Mumbuca, 2020, p. 10)

Como já mencionado, a primeira parte do livro *A extinção das abelhas* é escrita através do encadeamento dos capítulos. O título de um capítulo é a continuação da última sentença do capítulo anterior. Está tudo conectado, os

⁴Mais a frente vou apontar algumas dessas diferenças para essa afirmação, mas há pensadores que já falaram sobre diferenças entre nós (enquanto sociedade e enquanto espécie) e esses pequenos insetos. Karl Marx, por exemplo, em seu livro *O capital* comenta sobre a diferença do trabalho das abelhas da do ser humano no contexto capitalista. Assim como Émile Benveniste que, em seu texto [Comunicação animal e linguagem humana](#), explora a diferença da comunicação das abelhas, um código, da dos seres humanos, uma linguagem.

capítulos nunca acabam de fato. Como se Regina vivesse em um presente perpétuo.

O título do capítulo pode ser uma continuação da última sentença do capítulo anterior, como por exemplo o título *Tentativa* que continua a sentença “Foi uma boa” (Polesso, 2021, p. 53); pode ser uma resposta a uma fala, como o título *Também te amo* que responde a sentença do capítulo anterior “—Regina, tenho que ir. Fica bem. Te amo.” (Polesso, 2021, p. 79); e pode ser a resposta a uma pergunta, como no capítulo intitulado *Não* que responde a pergunta do capítulo anterior “Eu posso ser Monga um dia?” (Polesso, 2021, p. 38).

Júlia Braga Neves (2023) dialoga com a pesquisa de Natalia López (2022) para falar sobre como Regina vê e entende o futuro. Ela explica que López analisa os elementos espaciais e urbanos da obra para explorar a personagem de Regina, que é caracterizada por um “afeto tofófilico”, termo criado por López para descrever a “forte afeição ou num afeto que [...] [a] liga com a cidade” (LÓPEZ, 2022, 30’30”, tradução de Neves *apud* Braga Neves, 2023, p. 139). Essa forte afeição impede Regina de fugir da cidade que está em colapso e prende-a a ela. Braga Neves, então, entende que “[...] é possível associar essa falta de movimento da protagonista a uma falta de expectativa, de horizonte ou de futuro, que também confere à narrativa uma noção de um **presente infundável**.” (Braga Neves, 2023, p. 140, grifo próprio).

Esse presente infundável também ocorre, ao meu ver, na estrutura dos capítulos da primeira parte, se materializando nos capítulos que nunca acabam. Uma repetição e continuação sem fim. Um presente que não acaba.

Assim como os capítulos são todos conectados, em uma relação de continuidade, as abelhas no livro estão conectadas a uma série de acontecimentos que levam ao fim do mundo: O uso indevido de agrotóxicos e pesticidas levou à extinção das abelhas, que por sua vez prejudicou a produção de alimentos, que então levou ao contínuo colapso da sociedade. Tudo está interligado, em uma cadeia de eventos que começa do pequeno e vai se desenrolando até afetar o grande, como uma bola de neve, atingindo-o com uma força capaz de desestabilizar seu modo de viver e existir. O desaparecimento do pequeno leva ao colapso do grande. Não apenas isso, o fim das abelhas é de certa forma visto como uma

premonição para o fim do mundo do ser humano, como uma visão do nosso próprio futuro.

Por conta disso, depois do fim do mundo e das extinções das abelhas – ou seja, depois da primeira parte – não há mais títulos dos capítulos, não há mais continuidade ou fluidez entre eles. Está tudo caótico de forma silenciosa, pois no seu lugar apenas sobrou um espaço em branco. Agora há apenas fragmentos, recortes de vidas passadas e atuais.

A importância do ser pequeno, porém, não é valorizada até que sua inexistência afete a sociedade capitalista. Durante a narrativa, o luto pela extinção dos pequeninos seres não ocorre pela perda de uma espécie inteira de seres vivos, mas sim por conta de como seu desaparecimento afeta a vida dos seres humanos (principalmente daqueles com poder na sociedade) – através do seu papel involuntário que desempenha tanto na cadeia produtiva do mercado e capital, como no ambiental (pois polinizam não pelo bem do “mundo”, mas por consequência de colher pólen para produzir seu tão amado e necessário mel). Regina e Pietra reconhecem essa exploração do trabalho das abelhas na cadeia produtiva do mercado capitalista em uma conversa:

– Parece que tu tem que transportar a rainha com o enxame junto. Então ele levava a rainha, colocava numa colmeia dessas construídas e deixava as abelhas em algum lugar até que o serviço fosse feito. Depois recolhia tudo.

– Acho que eu já ouvi falar de algo assim, pode crer. A exploração última da natureza. (Polesso, 2021, p. 295)

A abelha, assim, só importa para essa sociedade capitalista no momento que está de algum modo beneficiando ou prejudicando o ser humano e a economia. Só existe em relação a ela. Elas são reduzidas a sua função para o mercado e para a sobrevivência humana (esqueça a dos outros animais também!). O que elas podem fazer por nós? Como que a morte delas *nos* afeta?

E quando foram avisados sobre o que aconteceria ao ser humano se esses seres, vistos como inferiores, morressem, a resposta foi que não importaria pois eles poderiam substituí-los por máquinas.

Avisaram que isso aconteceria, a gente ficou com medo, por causa da polinização, da vegetação, de toda a cadeia alimentar, mas o governo, a Agrotech, toda aquela cambada disse que estava tudo “sob controle”, que havia “outros meios” e que a função da tecnologia era “superar a natureza”

e que já estava em fase de implementação uma nova técnica de polinização. (Polesso, 2021, p. 17)

A abelha vai ser extinta? A máquina substitui!⁵ Pois o que importa é a função que as abelhas cumpriam e se essa função pode ser reproduzida por máquinas elas não têm mais importância.

Serão mortas de todas as formas possíveis, principalmente pelo uso de pesticidas, agrotóxicos, destruição do seu habitat. Quando todas as abelhas forem mortas, sendo espécie altamente inteligente, criaremos mecanismos substitutos das inúteis funções das abelhas, criaremos novo ramo de geração de lucros. (Mumbuca, 2020, p. 10)

Assim, as abelhas são vistas como seres menores, literal e figurativamente. E, nessa sociedade, só é merecido viver aqueles que têm utilidade ao sistema capitalista: “Na lógica colonialista vigente, é um erro terrível respeitar a existência de todas as vidas e assim seríamos incluídos na festa mortal, sem pensar em nada além dos lucros que ganharíamos.” (Mumbuca, 2020, p. 9). O importante é o lucro, não a vida: “Pela economia justificaram tudo.” (Polesso, 2021, p. 231). O importante é não haver um fim da humanidade, humanidade essa que não inclui todos os seres humanos, pois nesse sistema há aqueles que são entendidos como merecedores de viver dentro dele e aqueles que se acredita que estão apenas ocupando espaço – “(...) ele [o presidente] só ajuda gente que merece.” (Polesso, 2021, p. 21).

O colapso da sociedade humana é muitas vezes reiterado na narrativa como vindo por conta de uma “economia financeira desumana” (Polesso, 2021, p. 231-232). Ignorar os alertas de Cassandra e não se preocupar com o futuro e com as gerações seguintes foi o que levou ao estado do mundo na narrativa. A sociedade capitalista só consegue se preocupar com o presente e com o lucro imediato:

At the same time as there is nothing *but* the present, there is nothing *to* the present, to form the basis for decision-making with any temporal horizon. The present shrinks with the rapid turnover of changing circumstances to be addressed; things change at a moment's notice. Indeed, the economically

⁵Mas mesmo com a substituição da máquina ainda há uma nostalgia pelo passado, com as empresas fazendo as colmeias artificiais em formato de colmeias naturais. A máquina substitui, mas ela não é a coisa em si. É um fantasma daquilo que morreu. “Depois da morte das abelhas, colmeias artificiais foram criadas. Elas têm o formato clássico por motivos comerciais e afetivos. O mel produzido com a glicose do açúcar de cana é colorido artificialmente. Dizem que um zumbido constante atravessa os campos-fábricas e que os funcionários colhem mel com roupa apropriada, telas no rosto, respiradores e luvas, isso para não contaminarem o néctar com o choro da ausência e do arrependimento.” (Polesso, 2021, p. 194)

significant present shrinks to something too short to be experienced. (Tanner, 2021)^{6 7}.

O ser humano é, portanto, um agente geológico e biológico (Chakrabarty, 2009), pois além das mudanças climáticas, ele contribuiu para a extinção de uma espécie inteira (consequência direta de sua ação na geologia da terra)⁸. Mas isso não se trata de um caso isolado, pois inúmeras formas de vidas foram, são e continuarão sendo afetadas por processos de matriz humana. Assim, há várias extinções em massa ocorrendo, não apenas as das abelhas. O livro de Polesso reconhece essa realidade ao trazer, na segunda parte da obra, uma lista de animais extintos, citando diversas espécies. No entanto, só se passou a dar mais atenção a essa questão quando o próprio ser humano começou a sentir-se ameaçado. Essa civilização é narcisista, pois aos seus olhos só a sua morte conta.

É, portanto, destruída a espécie que faz de tudo para que a geração futura tenha uma boa condição de vida, pois acima de tudo elas têm como propósito prezar pela a próxima geração (Maeterlinck, 2002): trabalham incessantemente para construir uma colmeia forte e com abundância de comida para, quando alcançam o auge da prosperidade e recursos, abandonar tudo e partir em uma jornada para recomeçar novamente do zero, deixando a rica colmeia para as larvas e ninfas (Maeterlinck, 2002).

Enfim, o *espírito da colméia* é que fixa a hora do grande sacrifício anual ao gênio da espécie, – quero dizer, a enxameação, – quando um povo inteiro, chegando ao auge da sua prosperidade e do seu poder, abandona de súbito à geração futura todas as suas riquezas, os seus palácios, as suas moradias e o fruto dos seus trabalhos, para ir procurar ao longe a incerteza e a miséria de uma nova pátria. Eis um ato que, consciente ou não, excede certamente a moral humana. (Maeterlinck, 2002, p. 27)

⁶NOTA: A fonte consultada não é paginada.

⁷Caso queira ler mais sobre, veja o texto [Work, Time, and Finance-Dominated Capitalism](#) de Kathryn Tanner, presente no site da Yale University Press.

⁸O nosso impacto no ambiente é tão grande que Paul Crutzen e Eugene Stoermer proporam o termo *Antropoceno* para se referir a uma “nova época geológica” (Danowski e Castro, 2017, p. 19) na qual “[...] os humanos agem como o principal determinante do ambiente do planeta.” (Chakrabarty, 2009, p. 11), se tornando, assim, um novo agente geológico (Chakrabarty, 2009). O Antropoceno, portanto, seria “[...] a época em que a intervenção humana supera outras forças geológicas.” (Tsing, 2022, p. 62). A respeito disto, Ailton Krenak fala, em seu livro *Ideias para Adiar o fim do mundo*, que: “A conclusão ou compreensão de que estamos vivendo uma era que pode ser identificado como Antropoceno deveria soar como um alarme nas nossas cabeças.” (Krenak, 2020, p. 46). A validade do termo ainda está sendo debatida, com vários autores fazendo críticas a ele. Tsing (2022) mesmo questiona a validade do termo, dizendo que o prefixo *antro-* é problemático pois “A linha do tempo mais convincente do Antropoceno não começa com a espécie, mas sim com o advento do capitalismo moderno [...]” (Tsing, 2022, p. 62).

Tudo isso enquanto a sociedade capitalista tem como o seu maior propósito “[...] transformar as vidas em *commodities*.” (Mumbuca, 2020, p. 10). Essa forma de ver a vida leva ao individualismo e ao imediatismo, duas coisas que nos impedem de realmente prezar pelas próximas gerações: “As abelhas amam para adiante delas, e nós amamos sobretudo em torno de nós mesmos.” (Maeterlinck, 2002, p. 65). Esses insetos amam tanto as suas futuras gerações que sua afeição pela rainha “[...]” pode até transformar-se em furor e ódio, se a sua soberana não cumpre todos os seus deveres para com a divindade abstrata que chamamos a sociedade futura, e que as abelhas concebem mais vivamente do que nós.” (Maeterlinck, 2002, p. 49-50).

Em relação a isso, é possível fazer um paralelo a respeito do que ocorre com a rainha e o que ocorre na narrativa quando há um descompromisso papel do que se espera das mulheres: enquanto nas sociedade das abelhas a rainha que não cumpre seu papel é eliminada, na obra de Polesso mulheres e homens trans são perseguidos e mortos se não cumprem o papel de gênero que é esperado deles.

As abelhas são uma espécie que vive em colônias. Elas não vivem sozinhas, estão sempre dentro da multidão, – “A abelha é, antes de tudo, e ainda mais que a formiga, um ser que é vive em multidão” (Maeterlinck, 2002, p. 22) – vivendo pela rainha, que carrega o futuro. Sua extinção também revela a extinção do senso de comunidade e unidade do ser humano, não mas capaz de trabalhar em conjunto por um bem maior e pelo futuro da sua espécie (e, no seu caso, das outras também). Essa falta de união se manifesta no profundo sentimento de solidão da protagonista.

Em suma, o modo de vida da sociedade capitalista foi pouco a pouco impossibilitando sua existência e a existência de seu mundo. Mas, assim como ocorreu com as abelhas, a humanidade enquanto sociedade também colapsou pelas mesmas mãos responsáveis pela sua extinção: a sociedade capitalista, industrial e exploratória. Como Regina aponta: o governo, a companhia denominada Agrotec, etc. Os detentores de grandes fortunas e os possuidores de um vasto poder de mudança que nada fizeram para impedir o fim e que muito contribuíram para que ele ocorresse. Pois, apesar de tudo isso, no fim, a maioria de nós não somos muito diferentes das abelhas: “Em uma lógica competitiva dos que mandam no “mundo”, nós somos insignificantes como os insetos.” (Mumbuca, 2020, p. 11). E, assim como elas, também só temos “valor” nesse sistema na medida que trabalhamos em prol dele e temos serventia para ele.

4. LIDANDO COM A PERSPECTIVA DE UM FIM (DO MUNDO)

4.1 INAÇÃO, PESSIMISMO E SUICÍDIO

All earth was but one thought—
and that was death
(Byron, 1816, p. 29)

Regina é uma personagem muito pessimista. Seu pessimismo provém, além de outras coisas, da crença de que a culpa do estado atual do mundo é exclusivamente do ser humano e, ao mesmo tempo, da compreensão de que ele seria o único capaz de reverter essa situação e evitar o fim. No entanto, se foi ele o responsável por criar e sustentar esse cenário, é difícil esperar que consiga resolvê-lo depois de tantos erros, tantos avisos ignorados e tanta fuga da responsabilidade de, ao menos, tentar impedir esse desfecho. Além disso, ainda existem aqueles que negam a existência de qualquer problema e insistem que não há motivo para preocupação. É possível ver essa negação em uma carta que Regina escreve para mãe: “Avisaram que isso aconteceria, [...] mas o governo, a Agrotech, toda aquela cambada disse que estava tudo “sob controle” [...]” (Polesso, 2021, p. 17). O pessimismo de Regina chega até a fazê-la querer que esse fim aconteça:

Eu disse a ela que o mundo não acabaria. Não era uma afirmação otimista. Ela disse que eu tinha razão. O mundo, a terra, o universo, tudo isso levaria uma eternidade para se extinguir. E talvez a causa de sua extinção fosse um buraco negro, um asteroide em rota de colisão, um campo magnéticointruso, mas a gente, a raça humana, essa, sim, terminaria. Eu soprei a fumaça e disse: Que bom.

– Tem que acabar com a humanidade, estamos empesteados. Olha a merda que a gente fez. Reseta. (Polesso, 2021, p. 26-27)

Mas, no último capítulo, em outra carta para sua mãe, ela reconhece seu pessimismo – “Pessimista eu sou, sempre fui.” (Polesso, 2021, p. 303) –, que esse desejo é genocida – “Eu queria que esse mundo implodisse, que as instituições caíssem, mas esse sonho também é genocida.” (Polesso, 2021, p. 305) – e que o que ela realmente quer é o fim do sistema opressivo e genocida em que vive, não o

fim do mundo – “Eu bem que queria que o sistema deles colapsasse, só que o rastro de morte que ele vai deixando é pior.” (Polesso, 2021, p. 303).

Por mais que reconheça isso, Regina expressa que acha difícil imaginar um futuro depois do fim do mundo: “É tão difícil imaginar futuros! É preciso ter desprendimento e fé para imaginar futuros. É um exercício intenso ao qual Regina nunca se deu ao trabalho.” (Polesso, 2021, p. 285). E ela não é a única que tem essa dificuldade. Em uma conversa com Regina, Pietra admite que também não consegue imaginar um futuro: “Uma vez me disseram que a gente é o sonho do futuro de nossos antepassados. Acho que eles não sonhavam exatamente com isso. E eu não sei o que sonhar daqui pra frente.” (Polesso, 2021, p. 295)

No livro *Há mundo por vir? Ensaio sobre o medo e os fins* os pesquisadores brasileiros Déborah Danowski e Eduardo Viveiros de Castro (2017) abordam a questão de como há uma dificuldade nossa de imaginar um futuro: “O futuro *próximo*, na escala de algumas poucas décadas, se torna imprevisível, senão mesmo inimaginável fora dos quadros da ficção científica ou das escatologias messiânicas.” (Danowski; Castro, 2017, p. 27). Günther Anders, em seu texto *Teses para a era atômica*, também aborda a nossa incapacidade nos dias atuais de imaginar o futuro em sua 9ª tese intitulada *Somos Utopistas Invertidos*. Nela, o autor escreve:

O dilema básico de nossa era é que “Somos menores do que nós mesmos”, incapazes de realizar mentalmente as realidades que nós mesmos produzimos. Portanto, podemos chamar a nós mesmos de “Utopistas invertidos”: enquanto os Utopistas comuns são incapazes de produzir de fato o que são capazes de imaginar, nós somos incapazes de imaginar o que estamos de fato produzindo. (Anders, 2013, p. 5)

Ele também fala sobre isso em sua 8ª tese, *Nadeidade – o Efeito da Nadeidade Não-Imaginada*. Nela, o autor discute sobre o que ele chama de o *Efeito da Naideidade* perante o perigo de um fim do mundo. Esse efeito refere-se a não conseguirmos apreender esse tipo de perigo por conta da sua magnitude e, em virtude disso, “O perigo apocalíptico é tão mais ameaçador porque somos incapazes de conceber a imensidade de uma tal catástrofe.” (Anders, 2013, p. 5) Além disso, em sua 11ª, *O Supra-Liminar*, o autor comenta sobre o termo da psicologia *supra-liminar*, que seria o efeito que ocorre quando “[...] o estímulo [é] grande demais para produzir qualquer reação ou ativar qualquer mecanismo de freio.”

(Anders, 2013, p. 5). Por conta disso, torna-se uma tarefa difícil mensurar o quanto o aquecimento global, por exemplo, vai nos afetar e imaginar os efeitos que ele causará. Ignorá-lo (e negá-lo), então, torna-se algo muito mais fácil. O pesquisador também explica que “Não apenas a imaginação deixou de estar à altura da produção, como também o sentimento deixou de estar à altura da responsabilidade. [...] Quanto maior o possível efeito de nossas ações, menos somos capazes de visualizá-lo, arrepender-nos dele ou sentir-nos responsáveis por ele [...]” (Anders, 2013, p. 5).

Em relação a isso, Regina reflete, no último capítulo em uma carta à mãe, sobre a incapacidade de certas pessoas de reconhecerem a magnitude e gravidade do perigo que as cerca: “[...] algumas pessoas nunca vão se dar conta dessas catástrofes e dessas mudanças, de como por vezes elas são genocidas, por vezes assassinas, por vezes suicidas. Elas vão achar que são problemas pessoais e não sociais” (Polesso, 2021, p. 305).

Isabelle Stengers, por sua vez, apresenta o conceito de *pânico frio* em seu livro *No tempo das catástrofes* (2015). O pânico frio é um conceito que se refere a um estado em que a pessoa tem consciência da catástrofe mas se sente impotente para impedi-la e, por conta disso, continua vivendo agindo como se nada pudesse ser feito. Como Pena (2020) explica em sua tese de doutorado *Zona cinza: como perceber a catástrofe?*: “O pânico frio é a admissão de uma racionalidade incompleta, em que, para não entrarmos em pânico propriamente, acabamos acatando a ordem mobilizadora do dia, não obstante as contradições apavorantes que ela suscita.” (Pena, 2020, p. 35). Assim, “Mesmo reconhecendo a existência de um risco, o sujeito em pânico frio não consegue encadear coerentemente percepções, reflexões e ações de forma a ser o autor, ele próprio, de uma reação estratégica à totalidade desse risco.” (Pena, 2020, p. 39). Por conta disso:

Nessa irresponsabilidade generalizada, o sujeito em pânico frio lamenta o destino da humanidade sem sentir necessidade de se encarregar pessoalmente pelo presente (para ele, atribuição dos nossos responsáveis) ou de inventar novas estratégias de prudência e sobrevivência (para ele, atribuição do empreendedor). (Pena, 2020, p. 38)

É possível ver a presença do *pânico frio* na obra de Polesso na seguinte passagem, que aparece na segunda parte do livro: “O fim do mundo já acontecia

fazia um tempo bem na nossa vizinhança. E assistimos a ele como se fosse ficção, como se não fosse problema nosso. Nos recusávamos a encará-los, a vivê-lo” (Polesso, 2021, p. 215). Vemos aqui que as pessoas recusam-se a aceitar a realidade e, ao invés disso, continuam a viver como se nada disso estivesse acontecendo. Encaravam-a como ficção, com medo de ser verdade.

Danowski e Castro explicam que o *pânico frio* de Stengers (2015) é gerado “[...] pela enorme distância entre conhecimento científico e impotência política, isto é, entre nossa capacidade (científica) de imaginar o fim do mundo e nossa incapacidade (política) de imaginar o fim do capitalismo [...]” (Danowski; Castro, 2017, p. 35). No último capítulo do livro, em uma carta para sua mãe, Regina reconhece que sua incapacidade de pensar num futuro que não seja o fim do mundo advém do que ela foi ensinada a pensar desde pequena dentro do sistema capitalista e da sociedade colonizada que estava inserida:

Eu também fui uma espécie de mulher selvagem entre aspas, acho que ainda sou. Um pouco bruta, um pouco incompatível com esse mundo e sem qualquer referência de outro. Sem qualquer referência de outro [mundo] e **sem poder imaginar algo que não seja uma espécie de final catastrófico, porque foi isso que eu aprendi.**

Eu não sei imaginar um mundo novo, mãe. Acho que a minha mente foi bem colonizada, apesar de todos os esforços que tenho feito por anos. (Polesso, 2021, p. 304, grifo próprio)

Assim, Regina percebe que essa incapacidade de imaginar um futuro que não seja a ruína vêm de uma herança do capitalismo e colonialismo e que, por isso, é preciso reaprender a “sonhar”, pois “[...] se o progresso nos prometeu dias melhores, um futuro em aberto permite a aceitação da imprevisibilidade e a construção de novos sonhos.” (Braga Neves, 2023, p. 154)

Acho que esgotamos os sonhos, esses sonhos que aprendemos com o tempo, esses sonhos que herdamos, sonhos por vir, que uns chamam de premonições. Acho que teremos que fazer o luto dos sonhos e aprender a dormir de novo, aprender a cansar um cansaço que não seja útil para dormir de novo e quem sabe sonhar de novo coisas inéditas. (Polesso, 2021, p. 305)

A nossa incapacidade de imaginar o fim do capitalismo, então, nos leva a acreditar que o único futuro possível é o fim do mundo e que ele é um destino inevitável. Essa visão, é uma visão pessimista que gera inação e paralisia por parte da sociedade, mas que também é utilizada para se eximir da responsabilidade de tentar evitar o fim. Afinal, se é algo inevitável não há motivo de tentar impedi-lo.

É possível ver esse sentimento de impotência e a falta de ânimo de agir quando Regina se pergunta: “Pra quê? Não tem mais nada para fazer nesse caralho. A água tá podre. A comida tá podre. A comida é puro veneno. Eu nunca vou poder mudar nada. Eu não tenho dinheiro para nada. Então pra quê? (Polesso, 2021, p. 176).

Mas Anders (2013) alerta para não se deixar cair na inação. Em sua 14ª tese, *Frustração Produtiva*, o autor comenta: “É possível até mesmo que nossos esforços não tenham nenhum sucesso. Mas mesmo este fracasso não deve nos intimidar; a frustração reiterada não refuta a necessidade de reiterar o esforço.” (Anders, 2013, p. 6)

Ademais, reconhecer o perigo e não fazer nada para impedir o fim do mundo pode ser visto como uma forma de suicídio⁹. O filósofo francês Paul Virílio cunhou o termo *Estado suicidário*, que Alves (2020) muito bem explica em seu artigo intitulado *O Estado suicidário brasileiro se revela diante da pandemia da COVID-19*:

Segundo Virílio (1993), o Estado suicidário é a característica final, e o inevitável desfecho, de todos os Estados que têm o desenvolvimento técnico e o progresso econômico como elementos principais de sua existência (em detrimento de outros aspectos que compõem a sociedade). Este é suicida na medida em que exaure seus próprios recursos naturais e humanos, reproduzindo a lógica da busca infundável do aumento da produção e do consumo para atender a uma estrutura de mercado econômica neoliberal. (Alves, 2020, p. 122)

A continuação do estilo de vida capitalista ocidental em que há um consumo desenfreado e o abuso dos recursos naturais é, então, uma forma de suicídio coletivo e uma irresponsabilidade. Pois, como Anders (2013) coloca: “Ao renunciarmos à “interferência”, nós não apenas fracassamos em cumprir nossas obrigações democráticas, mas nos arriscamos ao nosso suicídio coletivo.” (Anders, 2013, p. 8)

Para finalizar este tópico é válido trazer uma passagem da 2ª tese, *O tempo do Fim versus o fim do tempo*, de Anders (2013) na qual ele afirma que

⁹Em seu livro, Macho (2021) comenta sobre a relação do suicídio com as representações midiáticas do fim do mundo: “Desde 1983, filmes, livros e representações artísticas sobre o fim do mundo multiplicaram-se tão rapidamente que um observador de outro planeta poderia ver o “antropoceno”, como assim foi proclamado o século XXI, como a era do antecipado e até esperado suicídio da espécie.” (Macho, 2021, p. 255). Ele ainda traz um outro autor para comentar sobre o fato: “Ele [Maarten Asscher] escreve que, em alguns aspectos, os leitores contemporâneos já teriam acreditado de qualquer maneira que o *Homo sapiens* há muito se transformou em *Homo suicidalis*, já que tantas representações de *omnicídio* e do fim do mundo foram imaginadas e difundidas por ocasião da virada do milênio.” (Macho, 2021, p. 257)

[...] essa era é uma “suspensão”, e nosso “modo de ser” nessa era deve ser definido como “ainda não sendo inexistentes”, “ainda não exatamente sendo inexistentes”. Assim, a questão moral básica de épocas anteriores deve ser reformulada radicalmente: ao invés de perguntar “Como devemos viver”, devemos agora perguntar “Iremos viver?”. Para nós, que somos “ainda não inexistentes” nessa Era de Suspensão, só há uma resposta: embora a qualquer momento O Tempo do Fim possa se converter n'O Fim do Tempo, devemos fazer tudo a nosso alcance para tornar O Tempo Final infundável. Na medida em que acreditamos na possibilidade d'O Fim do Tempo, nós somos Apocalípticos, mas na medida em que lutamos contra este Apocalipse fabricado pelo homem, nós somos – e isto nunca existiu anteriormente – “Anti-Apocalípticos”. (Anders, 2013, p. 3)

4.2 CASSANDRA, NEGACIONISMO E RESPONSABILIDADE

And those who expected lightning and thunder
Are disappointed.
And those who expected signs and archangels' trumps
Do not believe it is happening now.
As long as the sun and the moon are above,
As long as the bumblebee visits a rose,
As long as rosy infants are born
No one believes it is happening now.
Only a white-haired old man, who would be a prophet
Yet is not a prophet, for he's much too busy, [...]
(Milosz, 1988, p. 56)

O ser humano sempre esteve fascinado com o futuro e sua incerteza. Desde a antiguidade temos tentado prevê-lo e uma das previsões que mais se teme é a do fim do mundo. Quando que tudo que entendemos vai acabar? A incerteza é desconcertante. Há um desejo, uma necessidade, de ter algo certo. Assim, há uma certa inclinação para acreditar em profecias e em um destino já traçado para preencher o vazio do desconhecido.

Na Grécia antiga um dos deuses mais conhecidos era Apolo, que dentre outras coisas, era o deus da profecia. A ideia de um destino inevitável aparecia no entendimento de como elas funcionavam. Enigmáticas, porém certas, elas eram inescapáveis. O destino já estava traçado pelas Moiras e nem mesmo os deuses podiam mudá-lo. Édipo foi uma das vítimas do destino já escrito, sua tentativa de

escapá-lo foi o que fez com que ele se concretizasse. Seu mito serviu como um aviso para qualquer outro que tentasse contorná-lo.

O mito de Cassandra, por sua vez, retrata uma mulher que possui o dom da profecia, mas que foi amaldiçoada por Apolo, como conta o poeta Ésquilo em sua peça *Agamêmnon*, a ninguém acreditar em suas profecias. Ainda, na peça, Cassandra conta que profetizou a queda de Tróia (que caiu em virtude dos troianos levarem para dentro de suas muralhas um cavalo de madeira gigante com soldados gregos em seu interior, uma armadilha disfarçada de presente). Ninguém da cidade, porém, deu ouvidos a seus avisos desesperados, devido a sua maldição. Por conta disso, a profetisa teve que assistir impotente a queda da cidade e a morte de seus compatriotas. Os troianos não deram ouvidos a Cassandra e experienciaram o fim do mundo. Tróia era seu mundo, sua queda foi seu fim.

Assim como Cassandra não era ouvida e acreditada em suas previsões, muitos cientistas e pesquisadores que estudam sobre o aquecimento global e a crise climática têm suas vozes ignoradas e suas preocupações quanto ao futuro menosprezadas por muitos¹⁰. Os cientistas são as Cassandra contemporâneas: “Nos dias de hoje, os oráculos muitas vezes oferecem voluntariamente as suas profecias, mesmo quando ninguém pergunta. Seus pronunciamentos são, em geral, muito mais detalhados que as perguntas [...]” (Sagan, 1998, p. 90). Nos dias atuais, o negacionismo em relação à crise climática ainda persiste de forma preocupante. Negá-la, porém, é se eximir da responsabilidade de algo que inegavelmente a sociedade capitalista de consumo tem culpa.

O negacionismo pode nascer de vários lugares: do desconforto em admitir a culpa pelo colapso ambiental, do desejo de escapar da responsabilidade de agir ou do medo de aceitar que enfrentar a crise climática significa repensar todo um sistema baseado no consumo excessivo e na dependência de combustíveis fósseis. Como Sagan aponta em seu livro *Bilhões e Bilhões: reflexões sobre vida e morte na virada de milênio*:

¹⁰Algo que é possível ver na seguinte passagem Danowski e Castro: “Na visão que têm os fundadores do Instituto, todos os teóricos do decrescimento, os ecologistas que ousam falar na necessidade de redução do consumo, os cientistas que insistem na ideia de limites biogeofísicos do planeta, todas estas Cassandra traficam uma mistura tóxica de mesquinharia malthusiana, niilismo metafísico e má-consciência histórica; em suma, representam um conjunto de “forças reativas” que nega aos povos do planeta (só os povos humanos são levados em conta, desnecessário dizer) a vida de abundância que é nosso Destino.” (Danowski; Castro, 2017, p. 72)

A resistência à profecia funesta experimentada por Cassandra pode ser reconhecida hoje em dia. Se somos confrontados com uma predição nefasta envolvendo forças poderosas que não podem ser prontamente influenciadas, temos uma tendência natural a rejeitar ou a ignorar a profecia. Mitigar ou contornar o perigo exigiria tempo, esforço, dinheiro, coragem. Poderia requerer que alterássemos as prioridades de nossas vidas. E nem toda predição de desastre, mesmo entre aquelas feitas por cientistas, se concretiza [...] (Sagan, 1998, p. 91)

Esse medo diante da possibilidade de um fim do modo de viver como conhecemos (na sociedade capitalista), advém de ser o único modo de vida que conseguimos conceber. O desconhecido amedronta muitos. A amiga da protagonista, Lu, expressa essa sua necessidade de ter certeza das coisas e esse seu medo do desconhecido: “Queria ao menos ter a certeza de alguma coisa. Isso é o que me angustia. Queria ter certeza até de que o mundo tenha mesmo acabado ou que esteja se acabando em algum lugar, pra começar um novo. Completo.” (Polesso, 2021, p. 275)

Além do medo do desconhecido, também há o medo de a profecia ser verdadeira. O medo de de fato existir um perigo. O medo do perigo em si. Sagan (1998) comenta sobre esse medo enquanto explora a dualidade do mito de Creso e Cassandra, mostrando como os dois representam “[...] os dois extremos da reação política a predições de perigo mortal [...]” (2008, p. 92) com “[...] a resposta dos gregos e troianos a Cassandra representando o pólo da rejeição firme e obstinada à possibilidade de perigo.” (2008, p. 92)¹¹. É mais fácil negar o perigo do que enfrentar a possibilidade de ele existir.

Além do mais, se os fatores que precipitam a catástrofe prevista são de longa duração, então a própria predição é uma censura indireta ou tácita. Por que nós, cidadãos comuns, permitimos que esse perigo se desenvolvesse? Não deveríamos ter nos informado a respeito mais cedo? Não somos cúmplices, uma vez que não tomamos as medidas para assegurar que os líderes governamentais eliminassem a ameaça? E como essas rumações são incômodas — que nossa desatenção e inação possam ter posto a nós e àqueles que amamos em perigo —, há uma tendência natural, embora ruim para a adaptação, de rejeitar toda a história. Serão necessárias melhores evidências para que levemos a questão a sério. Há uma tentação de minimizar, descartar, esquecer. Os psiquiatras têm plena consciência dessa tentação. Dão-lhe o nome de “negação.” (Sagan, 1998, p. 92)

Mas, ouvir essa profecia e não acreditar é fugir da responsabilidade de lutar para que ela não se concretize. É ignorar novamente os gritos de Cassandra e

¹¹ Enquanto Credo representaria a aceitação “crédula e acrítica” das previsões (Sagan, 1998, p. 92).

deixar Tróia cair. Pois, diferente das profecias dos antigos, estas novas têm como ser evitadas.

Günther Anders (2013) diz em sua 13ª, *A Coragem De Ter Medo*, que devemos ter a responsabilidade de temer. No início dessa tese ele afirma que [...] a nossa capacidade de ter medo que é pequena demais e que não corresponde à magnitude do perigo atual. [...] estamos vivendo na Era da Incapacidade de Ter Medo.” (Anders, 2013, p. 6). Ele afirma que devemos ter medo do futuro que nos aguarda se nada for feito, mas, claro, esse medo não deve ser de qualquer tipo. Ele deve ser “[...] de um tipo especial: 1) um medo destemido, na medida em que exclui temer aqueles que podem escarnecer-nos como covardes, 2) um medo estimulante, já que deve impulsionar-nos para as ruas e não para os abrigos, 3) um medo amoroso, não medo do perigo adiante mas pelas gerações por vir.” (Anders, 2013, p. 6)

Devemos, então, ter um medo produtivo, que não nos faça cair na paralisia, pois temos a obrigação moral de fazer algo e ter a coragem de assumir a responsabilidade, pois “[...] é justamente essa renúncia da responsabilidade que constitui o ápice da irresponsabilidade.” (Anders, 2013, p. 10).

No livro de Polesso essa negação do que está acontecendo aparece em passagens como essa, que explora explicitamente o negacionismo por parte de pessoas próximas de Regina:

- Esse negócio das abelhas, eu acho que é mentira, porque a Agrotech já se manifestou, dizendo que não vai faltar nada, que é tudo mentira, que não tem como acabar as abelhas.
- Já tá faltando. Não é mentira. Faz anos que elas estão morrendo. Lembra em 2018? Tão morrendo principalmente por causa do agrotóxicos e das políticas da Agrotech. (Polesso, 2021, p. 41)

Mas o negacionismo nada mais é do que fugir da responsabilidade. Tanto a mãe adotiva de Regina, Denise, quanto a Agrotech querem se eximir da culpa. Além disso, em sua 17ª tese, *O Recurso à Competência Demonstra uma Incompetência Moral*, Anders (2013) aponta que:

Não temos razão alguma para pressupor (como faz Jaspers, por exemplo) que aqueles no poder são mais capazes de imaginar a imensidão do perigo ou que eles compreendam os imperativos da era atômica melhor que nós, *ordinários morituri*. Essa pressuposição chega a ser irresponsável. E seria muito mais justificado suspeitar que eles não tenham a menor ideia do que está em jogo. [...] Pois não há prova mais definitiva e cabal de cegueira moral do que lidar com o Apocalipse como se ele fosse um “campo

específico”, e acreditar que a posição hierárquica determina quem tem o monopólio de decidir o “ser ou não ser” da humanidade. [...] Se a palavra “Democracia” possui algum sentido que seja, então ela significa que justamente o domínio para além de nossa competência profissional deveria nos concernir, que nós não estamos apenas habilitados, mas obrigados – não como especialistas, mas como cidadãos e seres humanos – a participar da decisão sobre os assuntos da res publica.[...] Ao renunciarmos à “interferência”, nós não apenas fracassamos em cumprir nossas obrigações democráticas, mas nos arriscamos ao nosso suicídio coletivo. (Anders, 2013, p. 7-8)

Assim, Denise está fugindo de sua responsabilidade perante a situação ao acreditar cegamente e acriticamente no que uma empresa, mais preocupada com seu capital do que com qualquer outra coisa, diz. Como Anders (2013) comenta em seu 6º tese, intitulada *Expansão de Nosso Horizonte*:

Se não desejamos ficar aquém dos efeitos de nossos produtos – fazê-lo seria não apenas uma vergonha mortal mas uma morte vergonhosa –, devemos tentar ampliar nosso horizonte de responsabilidade até que ele se iguale àquele horizonte dentro do qual podemos destruir a todos e sermos destruídos por todos – em suma, até ele se tornar global. Qualquer distinção entre perto e distante, vizinhos e estrangeiros, tornou-se inválida; hoje somos todos *proximi*. (Anders, 2013, p. 4)

Não se deve relegar a responsabilidade para outrem nem diminuir a responsabilidade de cada um. A responsabilidade é de todos.

E achar que aqueles no poder são apenas ignorantes e só não tem ideia da gravidade do problema é um erro, pois, como Danowski observa:

A inércia, essa força descoberta por Newton no século XVII como uma propriedade dos corpos, hoje parece caracterizar muito mais os sujeitos e as políticas humanas do que os objetos do mundo físico. Há várias razões para isso, mas talvez a mais importante seja o enorme esforço (político e financeiro) que vem sendo despendido pelas grandes companhias de combustíveis fósseis, de agronegócio e de mineração para semear a “dúvida”, ou melhor, a percepção pública de que ainda há dúvida e controvérsia entre os cientistas a respeito da realidade, causa ou gravidade das mudanças climáticas. (Danowski, 2018, p. 8)

E ela ainda aponta que “[...] os que fazem carreira e/ou fortuna sobre a negação dessa ameaça alegam não estar negando nada, apenas exercitando seu direito ao ceticismo.” (Danowski, 2018, p. 5). Stengers (2015) também fala algo semelhante:

Os economistas e outros candidatos à produção de respostas globais fundadas na “ciência” só existem para mim como poder de prejudicar. A autoridade deles só existe na medida em que o mundo, nosso mundo, permaneça como está – ou seja, fadado à barbárie. Suas “leis” supõem, antes de tudo, que “nós” fiquemos em nosso lugar, desempenhemos os

papéis que nos são atribuídos, tenhamos o egoísmo cego e a incapacidade congênita de pensar e de cooperar, o que faz da guerra econômica generalizada o único horizonte concebível.” (Stengers, 2015, p. 57)

Assim, não se deve acreditar na inocência daqueles com o poder, pois muitos utilizam o negacionismo como arma para impedir que uma ação seja tomada por aqueles que acreditam neles sem os questionar. Tanto não se deve acreditar que são inocentes que o antropólogo e sociólogo francês Bruno Latour, em seu livro *Diante de Gaia*, aponta:

As indústrias e seus financiadores compreenderam perfeitamente que, caso se aceitasse que o CO₂ (e, portanto, o carvão, assim como o petróleo) é a causa da mudança climática, a descrição dos fatos nunca mais poderia ser mantida afastada da atribuição moral – e da subsequente construção de uma política. A imputação de uma responsabilidade exige uma resposta – sobretudo, é claro, quando a causa é “humana” (Latour, 2020, p. 31)

Voltando à obra *A extinção das abelhas*, além daqueles que negam a veracidade dos alertas sobre o fim, há aqueles que apenas os ignoram. Após Regina falar que a humanidade tinha que acabar mesmo, Paula lembra que houve quem tentou avisar sobre o fim, mas que muitos apenas ignoraram os seus alertas: “Tem gente que nunca quis acabar com isso aqui. O problema é que ninguém ouve essas pessoas.” (Polesso, 2021, p. 27). Assim, em adição aos negacionistas, existem também aqueles que escutam e acreditam nas advertências mas apenas as ignoram.

Regina também aborda como a culpa do fim é, ao seu ver, do ser humano e como a falta de responsabilidade foi o que levou ao fim: “Nós, uma fonte de morte.” (Polesso, 2021, p. 221). E quando o fim finalmente chega, ninguém sabe o que fazer: “Quando tudo virou um caos, ninguém nem sabia como agir [...]” (Polesso, 2021, p. 197). A culpa foi do ser humano, segundo Regina, e ele desistiu de se salvar antes mesmo do fim:

E quisemos nos juntar àqueles que não tinham mais ideias de como segurar o céu **que ajudamos a fazer desmoronar. Desistimos sem nunca ter erguido as mãos.** Sem nunca imaginar a força necessária. O céu caiu pesadamente sobre a nossa cabeça. Não houve dissolução.” (Polesso, 2021, p. 215, grifo próprio)

Dito tudo isso, é possível e necessário voltar à figura das abelhas novamente e relacioná-las à Cassandra. As abelhas são insetos que vivem em nome de seres que ainda só se encontram na imaginação, que ainda não nasceram mas que sua

vida já é certa e preciosa nas suas mentes. Vivem e trabalham em nome de um futuro mais que certo, um futuro tão concreto em suas mentes que anda de mãos dadas com o presente. Futuro e presente andam lado a lado: as abelhas vivem para o futuro, o futuro já existe no seu imaginário presente (Maeterlinck, 2002).

O futuro é algo tão precioso a elas que a rainha só tem poder enquanto cumpre seu papel perante a comunidade, que é colocar ovos e garantir que haja uma geração futura. Se seu papel não é cumprido as operárias a matam (Maeterlinck, 2002). As abelhas, então, não adoram a rainha, elas adoram o futuro. A rainha é o meio pelo qual este futuro é garantido.

Dessa forma, as abelhas vivem pelo futuro do coletivo assim como Cassandra. Cassandra quer avisar sobre a queda de Tróia pelo bem de seus compatriotas. Ambas se preocupam com o futuro e com a sua comunidade. Mas enquanto uma consegue trabalhar em harmonia pelo bem coletivo, outra é ignorada e menosprezada.

Em sua 7ª tese, “As Gerações Unidas”, Anders afirma que hoje não há mais distinção entre geração presente e futura, que houve uma abolição da separação entre as gerações, e como há hoje uma mescla do futuro com o presente:

Não apenas nosso horizonte espacial deve ser ampliado, como também o temporal. Na medida em que ações praticadas hoje (explosões paratestes nucleares, por exemplo) afetam gerações futuras tão perniciosamente quanto afetam a nossa, o futuro pertence ao âmbito de nosso presente. [...] A distinção entre as gerações de hoje e de amanhã perdeu o sentido; podemos até mesmo falar em uma Liga de Gerações, à qual nossos netos pertencem tão automaticamente quanto nós. Eles são nossos “vizinhos no tempo”. (Anders, 2013, p. 4)

4.3 COMUNIDADE *VERSUS* SOLIDÃO

E eu só, o último a ser, pelo orbe adiante,
Espião da cataclísmica surpresa,
A única luz tragicamente acesa
Na universalidade agonizante!
(Anjos, 1998)

mas já é tarde, está na hora, estou com pressa

vamos embora, a história não espera,
 companheiro
 ah, já escuto a sua descarga, companheiro
 é o amanhecer da nova era, companheiro
 então se limpe e lave as mãos e vamos todos
 dar as mãos, viva a revolução, companheiro
 (Freitas, 2017, p. 37)

Além de ter que lidar com a perspectiva do fim do mundo e do pessimismo em relação a isso, a personagem de Regina também enfrenta a questão do abandono materno desde cedo, o luto pela morte do pai, aos 17 anos, e pela morte da sua gata, no início da narrativa e, sobretudo, a solidão profunda que sente.

Já no primeiro capítulo, Regina expressa esse sentimento de solidão que carrega dentro de si: “Eu sou qualquer coisa e, se posso sentir algo neste momento, sinto que estou sozinha.” (Polesso, 2021, p. 12).

Regina revela em uma conversa com Lu, sua amiga, seu desejo de ter um relacionamento amoroso íntimo e recíproco, além apenas do superficial:

– Sabe, eu queria ter um relacionamento de verdade. Eu queria ter uma namorada, uma mulher, namorar, ficar em casa, cozinhar, sair pro bar, ir pro cinema, num restaurante bacana, quem sabe, eu queria até brigar e depois dormir de bunda virada pra ela. Mas eu não sei o que eu tenho. Eu nunca consegui ter um relacionamento. Não desses, ao menos. Tudo sempre tinha um porém. É triste. É triste ser sozinha. (Polesso, 2021, p. 261).

Durante grande parte da obra, Regina e Paula, sua ex-orientadora de Mestrado, têm um caso amoroso. Regina queria ter um relacionamento sério com ela, mas Paula não sente o mesmo: “Paula falou brevemente sobre os planos que tinha, e eu não configurava em nenhum cenário. Sempre foi assim. Aparecia do nada e para o nada partia sem dizer qualquer palavra que indicasse um nós.” (Polesso, 2021, p. 29). Essa vontade de um relacionamento mais profundo, a carência de afeto vindo dessa relação e a exclusão dela dos planos de Paula contribuem para a personagem sentir-se abandonada e sozinha.

No capítulo intitulado *Vai ser difícil*, Regina reflete sobre o impacto do tempo sobre sua personalidade, expressando seus sentimentos de inadequação, tristeza e solidão que vivencia aos quarenta.

Eu não fazia ideia de como as coisas podem mudar tanto em quinze anos, de como a coragem e a falta de noção dos meus vinte e poucos anos se transformariam na moderação e na empáfia dos trinta, tampouco imaginava que aos quarenta me sentiria tão absolutamente sozinha e inábil. (Polesso, 2021, p. 47).

A última frase do capítulo – “Eu só não queria me sentir tão desconectada. Abri o computador e comecei a digitar” (Polesso, 2021, p. 48) – conecta com título do próximo: *Como não ser só*. Esse título explicitamente aborda o desejo de uma relação e intimidade que supra sua necessidade de afeto e espante a sensação de que está sozinha. Neste mesmo capítulo, ela conta que: “Eu queria gozar algum gozo, mas sozinha, tão brutalmente sozinha – e quando não estamos sozinhos? – era difícil.” (Polesso, 2021, p. 51). A repetição de “sozinha” reforça o sentimento de profunda solidão que a personagem experiencia. A passagem também aborda a sua dificuldade de sentir algum prazer, sexual ou não, diante da solidão esmagadora. O sentimento de estar só afeta muito além de sentir-se triste, ele impede Regina de apreciar a vida.

Além disso, seu sentimento de solidão também está associado à sua sensação de abandono. O primeiro capítulo da obra começa com ela falando sobre isso, sendo o parágrafo que abre o livro o seguinte:

As pessoas vão embora, e isso é uma realidade¹². Sua mãe vai embora, seu pai vai embora, sua namorada chata vai embora, sua melhor amiga-irmã vai embora, as pessoas que cuidaram de você desde pequena e que você reluta em chamar de família de um jeito ou de outro vão embora, seus vizinhos vão embora. (Polesso, 2021, p. 11)

Regina, então, sente-se abandonada, pensando que ninguém realmente se importa com ela: “Ninguém se importa com a minha tristeza nem com a tristeza de ninguém. Rostos descolados sobre corpos quaisquer.” (Polesso, 2021, p. 62). Ela quer sentir-se amada e que pertencente a uma comunidade/grupo/família, mas não sabe como achar pessoas que supram esse seu desejo. Ela quer achar um lugar que se sinta confortável e segura – “Eram essas coisas simples e ordinárias que lhes faziam falta. A sensação de algum conforto de coisa familiar, conhecida.” (Polesso, 2021, p. 292-293) –, mas não sabe como. Não sabe onde e se esse lugar existe: “Não sei. Eu tinha vontade de voltar para algum lugar seguro, mas eu não

¹² Para Teixeira, mestre em Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas pela UNICAMP, essa frase que abre o romance “[...]” atua como um alerta aos/às leitores/as sobre a finitude das relações humanas e de outras espécies, como as abelhas” (Teixeira, 2013, p. 47).

sabia pra onde, não sabia se esse lugar já tinha existido.” (Polesso, 2021, p. 176-177). Sente-se deslocada em todos os lugares. Ela, também, queria sair de onde mora, mas não sabe para onde ir e não tem ninguém de fora da cidade com quem se encontrar: “Eu queria ir embora também, mas pra onde? Eu não tenho ninguém fora daqui. Eu não tenho ninguém aqui.” (Polesso, 2021, p. 97).

Ela, então, sente que não pertence a nenhum lugar e em nenhuma família:

– Faz tempo que não jantamos todas juntas, né? Eu adoro a nossa casa cheia. Por que não mudamos de assunto?

Ela dizia “nossa casa” como se eu realmente fizesse parte dali. Eu até fazia. Ou tinha feito por algum tempo. (Polesso, 2021, p. 40)

Todos esses sentimentos fazem Regina sentir uma tristeza profunda e não conseguir ver um sentido para vida.

Então eu continuei chorando. Porque eu era uma mulher de quarenta anos que não tinha mais nada que desse sentido para vida. Eu podia morrer ali mesmo que não faria diferença nenhuma. Eu não sentia nada pela Denise nem pela Eugênia, sem gratidão nem ingratidão. (Polesso, 2021, p. 184)

Por conta disso, ela começa a experienciar apatia e dormência emocional intensa: “Não sei nomear o que sinto, porque é tudo um constante nada.” (Polesso, 2021, p. 51); “Não sinto nada. Nada além de uma imensa vontade de ir embora.” (Polesso, 2021 p. 73); “Cansei de não sentir nada, absolutamente nada de nada [...]” (Polesso, 2021 p. 185); “Não via sentido em fugir, em se mover de um fim do mundo para outro, e com gente estranha, ainda por cima. Ou para um lugar que estivesse na iminência do fim.” (Polesso, 2021 p. 257).

Assim, a solidão é uma constante na vida de Regina: embora tenha uma família que a acolhe, não se sente conectada a ela. Além disso, a própria ambientação do livro transmite um sentimento de isolamento: as ruas vazias e monitoradas não permitem se sentir acolhido ou que você faça parte de uma comunidade. Embora os humanos também vivam em multidões como as abelhas, o sentimento de solidão está muitas vezes presente. Dentro da multidão, mas incrivelmente sozinho. Como Santos explica em seu artigo *A extinção das abelhas, de Natalia Borges Polesso: solidão e resistência nos vários colapsos do nosso tempo*:

Solidão vai além de simplesmente estar só; é a percepção de sentir-se só, uma sensação de desconexão, um desejo não satisfeito por companhia, e

um sentimento de separação das pessoas que têm importância emocional para aqueles que vivenciam a solidão (Pinheiro; Tamayo, 1984). (Santos, 2024, p. 7)

Já no segundo capítulo da obra, intitulado *Bicho*, a gata de Regina, Paranoia, morre. Perder Paranoia foi um grande baque para Regina. Era ela quem supria sua necessidade de conexão: “Eu não fazia ideia de como ela seria importante em me ensinar o amor e a dedicação.” (Polesso, 2021, p. 47). Com a morte da gata, Regina perdeu essa fonte de afeto, sentindo-se ainda mais solitária. Por conta disso, tem dificuldade em aceitar a perda e seguir em frente. Presa ao passado, passa a ver relances e vultos de Paranoia durante a primeira parte da obra: “Paranoia não estava na cama, mas tive certeza de tê-la visto em cima da estante.” (Polesso, 2021, p. 68); “Por um momento vi os olhos de Paranoia brilharem atrás do móvel.” (Polesso, 2021, p. 102); “Paranoia me olhava pela fresta da porta dos fundos. Corri para tentar pegá-la em flagrante. Gata estúpida. Se fingindo de defunta. Abri a porta e ela não estava lá.” (Polesso, 2021, p. 114).

A obra, então, apresenta desde cedo a dificuldade de processar a perda e o sentimento de solidão que acompanhou Regina com a morte da gata, já anunciando na primeira frase do segundo capítulo: “Foi muito difícil enterrar Paranoia. Dezesseis anos, e eu tive que fazer tudo sozinha. Como sempre.” (Polesso, 2021, p. 13). Esta última parte mostra como Regina sente que sempre esteve por conta própria e que não tem com quem contar, ou alguém que se sinta confortável, para apoiá-la em momentos de grande carga emocional.

A história de Regina é, então, além de tudo, uma história sobre solidão – “É triste. É triste ser sozinha” (Polesso, 2021, p. 261) – e no decorrer de toda narrativa Regina tenta lutar contra ela. Ela anseia por um senso de comunidade, que tenta achar, sem sucesso, em dona Norma, senhora em situação de rua que Regina convida para morar com ela. Porém, dona Norma acaba morrendo quando a casa pegou fogo, pois não tinha as chaves das portas para escapar.

Tem muita, muita gente na rua, como eu te disse. E eu fiquei com pena da dona Norma, que era uma dessas pessoas. A única coisa que eu podia fazer era dar um teto praquela velhinha. [...] Mas aí, depois disso, me tornei responsável por ela. Não queria que ela passasse fome, que passasse frio, não queria que ela recebesse visitas do Cléber, mãe. [...] Primeiro eu falei pra dona Norma, achei que ela tinha entendido, mas depois ela disse que o Cléber tinha ido de novo, então eu fui mais dura. Aí ela pareceu não entender, então eu tirei a chave que ela tinha. Ela saía comigo ou ficava

trancada. [...] Mas aí pegou fogo e ela não conseguiu sair. Não conseguiu. (Polesso, 2021, p. 181-182)

Regina se culpa pela morte de dona Norma. A culpa somada à solidão, à melancolia, ao abandono e à sensação de desconexão leva Regina à uma espiral, acabando ela própria em situação de rua, vivendo entre momentos de delírios e lucidez. Como a narrativa mesmo coloca: “Regina tinha ficado tão absolutamente sozinha, sem onde se firmar, que acabara matando uma pessoa, fugindo de sua família e se encontrando numa situação quase morte.” (Polesso, 2021, p. 278).

Mas Regina não decidiu de uma hora para outra convidar dona Norma para viver com ela, ela debate essa ideia desde o início da narrativa. Até falando sobre ela com Denise e Eugênia, que não gostam da ideia:

- Não, não, não, Regina. Se todo mundo fizer isso, o que tu acha que vai acontecer, imagina?
- As pessoas vão ter onde morar? O senso de comunidade vai ser restaurado? (Polesso, 2021, p. 39)

Percebe-se, aqui, que desde o início da narrativa Regina está à procura de conexão emocional e um senso de comunidade e de pertencimento.

Mas Regina não é a única que sente solidão na obra de Polesso. Pietra, uma das mulheres que Regina conhece na terceira parte da obra, também compartilha desse sentimento e desejo de não ficar só:

Na cabeça de Pietra rondavam dúvidas sobre o que fazer, sobre desejar não estar sozinha, sobre o extermínio de seu povo, mas ela não sabia como dizer isso às outras. Pensava que, se fosse honesta, se usasse palavras óbvias para requerer algum tipo de cuidado, de carinho, elas se afastariam, não entenderiam. (Polesso, 2021, p. 288)

Não só as duas, como Lu também vivencia essa solidão: “Não tinham mais ninguém a não ser elas mesmas. [...] Não sabiam dos desertos, mas entendiam de solidão. As três entendiam muito bem de solidão.” (Polesso, 2021, p. 291-292)

Regina chega até a se questionar se alguém no mundo não compartilha desse sentimento: “Eu não sei mais se algumas pessoas chegam a se compreender de verdade ou se sempre estivemos sozinhas.” (Polesso, 2021, p. 176-177). Principalmente após ser confrontada com a solidão e busca por conexão de um homem em sua primeira sessão como *camgirl*. No capítulo *Como uma primeira vez*

mesmo Regina descreve como foi sua primeira vez trabalhando como *camgirl*. Ela conta que a primeira vez não foi exatamente o que ela estava esperando:

Deixei o cara falar e me sentei na cama com as pernas cruzadas. Ele disse que desde a separação não tinha conseguido sair com ninguém e que os seus amigos tinham recomendado o site. Eu pensei que alguns meses não tinham nada de desesperador. Pensei também que mais uma bebida cairia bem e que era muito triste que as pessoas chegassem a ponto de confessar com estranhos vestidos de animais na internet. Mas era isso a humanidade agora. Era essa a civilização. Hesitei uns segundos. Não sabia se deveria continuar naquela direção. Ergui a mão espalmada para a câmera.

– Pare. Não me conte sua vida.

É triste demais.

Me olhou como olha um cão bassê. O homem não estava desesperado por sexo. Quando entrei no site [...] eu imaginava que, quando a câmera abrisse pela primeira vez, eu veria um tarado babando e batendo punheta, querendo meter o pau em algo ou alguém. Mas não. Era um homem de mais ou menos uns quarenta anos, minha idade. Não era feio. Não era bagaceiro. Era frágil. O que for ou as coisas mais difíceis. Preferiria o raso, o perverso. Preferiria lidar com a superficialidade da libido, com a pele e a carne. Mas ele queria conversar. Insistiu que eu tirasse a máscara, eu disse que não e ameacei encerrar a sessão. (Polesso, 2021, p. 107).

Este trecho mostra como Regina, imersa em sua própria solidão, encontra dificuldade em lidar com a solidão alheia e em responder à busca de conexão das outras pessoas. Teixeira observa que, na narrativa, “Ser *camgirl* evidencia a lógica da venda do prazer online no tempo da ausência de desejo” (2013, p. 47). Dentro da lógica neoliberal, o capitalismo se alimenta justamente dessa solidão, transformando a necessidade de vínculo em mercadoria e lucrando com a ânsia por conexão. Um exemplo disso aparece na própria trama: os condomínios para os quais as mães adotivas de Regina desejam se mudar representam uma outra forma de exploração da solidão, pois eles são espaços que lucram com a falta de comunidade e com a insegurança das pessoas. Na seguinte passagem, Regina descreve como as ruas começaram serem fechadas e vigiadas por conta da sensação de insegurança da população:

Como vinha acontecendo cada vez mais, empresas de segurança público-privadas estavam fechando ruas e impedindo o acesso. Os moradores também vinham se organizando com segurança. Alguns bairros tinham guaritas e estavam virando quase condomínios fechados, com muros, portões, cercas, câmeras e algum planejamento cínico, outras tinham apenas barricadas. Alguns ficavam entre uma coisa e outra. E em

todos eles tinham gente pra supostamente controlar a entrada e saída das pessoas e interpelar qualquer suspeito. (Polesso, 2021, p. 19-20)

Também, sentindo essa insegurança, Denise (ainda mais sendo uma mulher lésbica num mundo elas estão sendo violentadas e mortas) fala sobre seu plano de se mudar para um condomínio fechado:

O governo vai injetar dinheiro nessas casinhas, e aí quem tem mais condições vai querer sair dos bairros e ir pros condomínios, porque lá a segurança é real, a guarita é real, tem equipe, tem limpeza, tem clube, tem cinema, tem loja, tem mercado, é uma minicidade! Só que segura, privativa! Sem mendigo, sem bandidagem, a gente vai se sentir segura. Aqui não dá mais. (Polesso, 2021, p. 155)

É possível perceber nessa passagem que “Eugênia e Denise, por acreditarem na lógica neoliberal e possuírem uma mentalidade meritocrática [...]” (Teixeira, 2013, p. 47), glorificam a experiência de viver em um condomínio, um espaço onde apenas aqueles que podem pagar têm acesso, enquanto os que não podem são excluídos, vistos como não merecedores. Como aparece na seguinte passagem do livro de Polesso:

Discursos higienistas começaram a brotar e, em poucos meses, novos condomínios propagandeados como ecológicos e exclusivos surgiram no mercado imobiliário. Ali, nenhum pobre estragaria a natureza. Ali, o simulacro era perfeito. (Polesso, 2021, p. 199)

Dunker (2009) fala em seu artigo *A lógica do condomínio ou: o síndico e seus descontentes* sobre a forma que o condomínio vende uma imagem de segurança, ordem e felicidade através da segregação e de um conjunto de regras rígidas, de forma que as pessoas se sintam obrigadas elas mesmas de passar uma imagem de felicidade. Mas essas regras rígidas geram apenas uma regulação da convivência e, paradoxalmente, mina o senso de comunidade, gerando isolamento. Na procura de segurança e comunidade, as pessoas perdem a liberdade e se isolam.

O capitalismo lucra com o sentimento de insegurança das pessoas, prometendo proteção e comunidade por meio da exclusão. Paradoxalmente, ao mesmo tempo em que oferece essa falsa sensação de pertencimento, mina o verdadeiro senso de coletividade ao reforçar o individualismo. Regina reflete sobre como as pessoas são ensinadas no sistema capitalista a serem individualistas e não valorizarem a empatia:

As sanções desertificavam os lugares, tornando-os inabitáveis. Alguém decidia como, quando e quais condições de vida retirar das localidades. E acontecia tão rápido e era tão impossível de conceber que, quando desmoronam as estruturas que haviam sido construídas para a sociedade, essa sociedade às quais as pessoas tinham se tornado tão dependentes, elas ficavam mesmo sem chão ao se verem sem água, eletricidade, comunicação, instituições. O senso de comunidade não era restituído, e salve-se quem puder terminava de matar todos. **Fomos moldados para não solidariedade** [...] (Polesso, 2021, p. 278, grifo próprio)

Assim, “[...] o mundo desenhado pelo romance de Polesso é um reflexo do enfraquecimento da solidariedade do grupo.” (KRAPP, 2023, p. 9) O capitalismo, então, explora o sentimento de solidão das pessoas e o desejo por comunidade, mas não os resolve. Regina só acha pessoas com quem se sente acolhida, e com quem cria uma pequena comunidade, no fim da narrativa, quando a região foi encerrada e Regina se encontra fora desse sistema predatório. Assim, por mais que a personagem principal tenha caído em uma inação, é tirada pelas mulheres que conhece após fugir da cidade.

Como já comentado, depois do encerramento da região do Rio Grande do Sul, Regina passa um tempo vivendo na rua, intercalando entre momentos de lucidez e delírios. Sua amiga, Lu, é quem a acha e acolhe, levando-a junto a um local onde um grupo de 3 mulheres a esperavam: Pietra, Aurora e Glória. Elas planejam ir para um lugar próximo de *Santa Cruz de la Sierra*, onde há uma comunidade de mulheres recebendo pessoas e planejando uma resistência.

Em relação a essa comunidade, é possível perceber que ocorre um espelhamento entre ela e a sociedade das abelhas em relação ao cuidado que se tem com o próximo. Pois, assim como as abelhas, que abandonam suas colméias ricas de alimentos para suas predecessoras, as mulheres que vão para a comunidade perto de *Santa Cruz de La Sierra* deixam suprimentos nos locais de parada para as mulheres que vêm depois delas. Como Regina explica na seguinte passagem:

A regra era deixar coisas para que as próximas pudessem se estabelecer. Às vezes chegavam a alguns pontos onde havia pouca coisa, mas nunca nada. Podiam confiar nas companheiras. Sempre. Não chegariam desamparadas a lugar algum. (Polesso, 2021, p.266-267)

Mas, antes de irem para lá, Regina, Pietra e Lu decidem ficar um tempo em dos pontos de parada, descansando até novas mulheres chegarem e juntas irem à

comunidade: “Sei que, por enquanto, somos eu, a Lu, a Pietra e a Mel, a nossa gata.” (Polesso, 2021, p. 302). Porém, até lá, as quatro formam “[...] uma comunidade precária, instaurada de forma provisória. Ainda assim, comunidade.” (KRAPP, 2023, p. 11). Pietra expressa sua vontade de permanecer ali por um tempo, mas, depois, unir-se à resistência, quando Regina pergunta o que ela quer fazer.

– Eu quero ficar um pouco aqui. Quero ter a sensação de que podemos controlar alguma coisa, decidir alguma coisa, sabe? Eu quero também...quero encontrar esse grupo de mulheres doidas que estão planejando a derrubada de algo, a tomada de algo, quero fazer parte de uma nova configuração de mundo. (Polesso, 2021, p. 295)

E embora ainda não consigam imaginar um futuro, anseiam por uma “Outra vida. Uma que não fomos capazes de imaginar.” (Polesso, 2021, p. 276). Mas sabem que

Nessa outra vida, há outras mulheres que fazem parte de uma resistência articulada para resgatar pessoas do apocalipse brasileiro. Não há um desfecho concreto nem um modelo de sociedade perfeita ou uma alternativa radical, mas uma alternativa possível. (Braga Neves, 2023, p. 152).

Em uma carta à sua mãe, Regina reconhece que é preciso lutar pelo fim do antigo modo de viver e que isso só se conseguiria através de uma revolução e “[...] de que uma ruptura radical necessitaria um entendimento distinto do mundo, talvez mais amplo do que se pode ter nas circunstâncias da narrativa.” (Braga Neves, 2023, p. 154).

As pessoas dizem fim do mundo, eu mesma digo fim do mundo. Quem dera. [...] Eu digo quem dera como quem observa que isso aqui não é o fim do mundo coisa nenhuma. Eu bem que queria que o sistema deles colapsasse, só que o rastro de morte que ele vai deixando é pior. Eu queria o fim de algo. Eu não sei se a gente consegue isso de forma radical. Mas, se conseguíssemos, não seria assim. Seria uma revolução mesmo e com mudanças grandes na sua compreensão das coisas e dos mistérios todos. (Polesso, 2021, p. 303)

É preciso acabar com o antigo para dar espaço para uma nova forma de existir, uma nova forma de (con)viver, um novo mundo. As três personagens (Lu, Regina e Pietra) anseiam por isso. Lu expressa esse desejo para Regina: “– Regina, é preciso recomeçar. E se não der certo, recomeçamos de novo. É assim. Eles não vão empurrar esse caos pra cima da gente e esperar que a gente não reaja.” (Polesso, 2021, p. 257).

Dessa forma, a resposta que a narrativa dá para lidar com o fim está em encontrar uma comunidade e, coletivamente, lutar pela preservação do mundo e da vida, ao mesmo tempo que se rompe com os antigos modos de existência e de se organizar socialmente. Lutar por um futuro em coletividade é um jeito de assumir responsabilidade e prezar pelo bem das gerações por vir. Ser mais parecidos com os seres que foram extintos é o que pode nos salvar, pois “[...] é pela reconstrução de refúgios e o convívio com outros seres mortais que o presente mesmo em ruínas tornou-se possível.” (Teixeira, 2013, p. 49). Assim, na obra de Polesso, “[...] o potencial utópico manifesta-se pela rede de resistência estabelecido por essas mulheres que decidem sobreviver juntas.” (Braga Neves, 2023, p. 153)

5. CONCLUSÃO

O livro *A extinção das abelhas*, de Natalia Borges Polesso, acompanha a personagem Regina tentando navegar um mundo à beira do colapso, onde o uso excessivo de agrotóxicos ameaça a extinção das abelhas. A narrativa explora a profunda solidão da personagem e seu pessimismo advindo da perspectiva do fim do mundo. Pessimismo este que, acompanhado da aceitação passiva do “destino” e do sentimento de impotência, leva à inação da personagem diante do perigo que paira sobre o futuro.

Durante o decorrer da obra, diferentes entendimentos de fins do mundo atravessam a narrativa: desde o fim do mundo pessoal e interno de uma personagem até o fim da humanidade de fato. Regina, constantemente pensando a respeito disso, traz reflexões sobre o que significa um fim do mundo e quem ele afeta.

No livro, as abelhas desempenham um papel fundamental tanto na produção de alimentos quanto como metáfora da sociedade capitalista em que Regina vive. Elas representam um modelo de organização que contrasta com o comportamento humano e aponta como o ser humano deve agir para evitar o fim do mundo: de forma coletiva, em harmonia com o ambiente e em prol das gerações futuras. Ao mesmo tempo, o livro utiliza essa metáfora para denunciar a lógica da sociedade capitalista, patriarcal, exploratória e genocida, evidenciando seu contraste com a sociedade desses insetos.

A figura de Cassandra, por sua vez, é trazida neste trabalho para dialogar com as pessoas que tentam alertar sobre o perigo do possível fim do mundo, mas são ignoradas, quando não vistas como propagadoras de mentiras. Assim, associa-se a figura de Cassandra ao negacionismo, que se materializa na figura de Denise e Eugênia na obra. É preciso assumir responsabilidade e lutar por um futuro melhor. Para que isso ocorra, a obra lembra da importância do senso de comunidade, algo que Regina tanto almeja, e como somente através da união é possível que uma revolução ocorra, sugerindo ser esta a única forma para que ocorra uma transformação real da sociedade.

Assim, entendo que *A extinção das abelhas* é uma obra bastante atual que mistura ficção e realidade para abordar medos e problemas modernos com uma

personagem introspectiva e empática. Passando-se no Rio Grande do Sul, a obra não poderia ser mais certa em que região do Brasil transcorrer: Vimos, neste ano, enchentes avassalarem o Rio Grande do Sul e tomarem o povo de surpresa, causando uma grande catástrofe que afetou diversas vidas, destruiu várias áreas e causaram pavor em inúmeras pessoas.

Polesso, então, traz em sua obra questões presentes no contexto atual que são importantes de serem discutidas: o negacionismo, o pessimismo em relação ao futuro – que aparece em nossa realidade nos *doomers*, por exemplo –, a falta de um senso de comunidade nessa sociedade capitalista exploratória e as crises climáticas-ambientais que estão se desenrolando diante de nossos olhos. Acredito que obras como essa, que abordam estas questões de uma forma direta e contemplativa, são incrivelmente importantes nos dias de hoje, trazendo reflexões necessárias sobre medos e problemas contemporâneos que devem ser tratados com a empatia e compreensão que a autora trata.

Embora nem de perto esgote o que se tem a dizer sobre o livro e os temas contemplados, este trabalho, por entender que é relevante analisar obras como essa, explora diversas questões levantadas na obra, analisando, além de tudo, a figura da abelha, tão importante na narrativa, e trazendo a figura mitológica da Cassandra à tona para relacioná-la com o negacionismo que aparece na obra, misturando assim o arcaico com o moderno.

6. REFERÊNCIAS

ALVES, Willian Silva de Oliveira. O Estado suicidário brasileiro se revela diante da pandemia da COVID-19. **Revista Petrel**, Brasília, v. 2, n. 3, p. 121-132, maio 2020. Disponível em:

<https://petrel.unb.br/destaques/83-petrel-boletim-de-conjuntura-v-2-n-3-mai-2020>.

Acesso em: 26 out. 2025.

ANDERS, Günther. Teses para Era Atômica. **Sopro**, Florianópolis, v. 87, p. 3-11, abr. 2013. Quinzenal. Tradução de: Alexandre Nodari e Débora Danowski. Disponível em: <https://www.culturaebarbarie.org/sopro/n87.html>. Acesso em: 25 out. 2025.

ANJOS, Augusto dos. **Eu e outras poesias**. 42. ed. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1998.

BENVENISTE, Émile. Comunicação animal e linguagem humana. **A Terra Redonda**, São Paulo, p. 1-6, 20 dez. 2022. Tradução de: Maria da Glória Novak e Luiza Neri.. Disponível em:

<https://aterraeredonda.com.br/comunicacao-animal-e-linguagem-humana/>. Acesso em: 29 out. 2025.

BRAGA NEVES, Júlia. Uma Distopia do Presente? O Futuro em *A extinção das abelhas* de Natalia Borges Polezzo. **Abusões**, Rio de Janeiro, n. 22, p. 133-158, 22 maio 2023. DOI: 10.12957/abusoes.2023.75159. Disponível em:

<https://www.e-publicacoes.uerj.br/abusoes/article/view/75159>. Acesso em: 26 out. 2025.

BYRON, Lord. **Prisoner of Chillon**. Londres: [S.N.], 1816. 60 p.

CHAKRABARTY, Dipesh. O clima da história: quatro teses. Tradução: Denise Bottmann, Fernanda Ligocky, Diego Ambrosini, Pedro Novaes, Cristiano Rodrigues, Lucas Santos, Regina Félix e Leandro Durazzo. In: NODARI, Alexandre; CERA, Flávia. **Sopro 91**. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2009. (Panfleto).

DANOWSKI, Déborah; CASTRO, Eduardo Viveiros de. **Há mundo por vir?**: ensaio sobre os medos e os fins. 2. ed. Desterro [Florianópolis]: Cultura e Barbárie Editora/Istituto Socioambiental, 2017. 184 p.

DANOWSKI, Deborah. **Negacionismos**. São Paulo: N-1 Edições, 2018. 26 p.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. A Lógica do Condomínio ou: o Síndico e seus Descontentes. **Revista Leitura Flutuante**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 1-8, 2009. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/leituraflutuante/article/view/7623>. Acesso em: 26 out. 2025.

ÉSQUILO. **Oréstia: Agamêmnon, Coéforas, Eumênides**. Traduzido por Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

FREITAS, Angélica. **Um útero é do tamanho de um punho**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. 93 p.

KRAPP, Juliana. Abelhas, alianças, esquecimentos: ficção brasileira e os futuros imaginados após a pandemia de covid-19. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 46., 2023, Pucminas. **Anais [...]**. Belo Horizonte: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2023. p. 1-12. Disponível em: https://sistemas.intercom.org.br/pdf/link_aceite/nacional/11/0816202318535264dd4570cf03d.pdf. Acesso em: 25 out. 2025.

KRENAK, Ailton. **Ideias para Adiar o fim do mundo**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. 102 p.

LATOUR, Bruno. **Diante de Gaia**: oito conferências sobre a natureza no antropoceno. São Paulo/Rio de Janeiro: Ubu Editora/Ateliê de Humanidades Editorial, 2020. 480 p.

LISPECTOR, Clarice. **Água viva**. Rio de Janeiro: Rocco, 2020. 93 p.

MACHO, Thomas. **Tirar a vida**: suicídio na modernidade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2021. 544 p.

MAETERLINCK, Maurice. **A Vida das Abelhas**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2002. 159 p.

MARTELO, Rosa Maria. Fim do Mundo / Reiniciar. **Elyra**: Revista da Rede Internacional Lyracompoetics, [S. L.], n. 5, p. 9-19, 2015. Semestral. Disponível em: <https://www.elyra.org/index.php/elyra/article/view/73>. Acesso em: 01 nov. 2025.

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política. Livro I : o processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013. 894 p. Tradução de Rubens Enderle.

MILOSZ, Czeslaw. **The Collected Poems 1931-1987**. Nova York: The Ecco Press, 1988. 511 p.

MUMBUCA, Ana. **Voo das abelhas da terra**. Caderno de leituras n.117, Série intempestiva. Belo Horizonte: Edições Chão da Feira, 2020. Disponível em: <https://chaodafeira.com/catalogo/caderno117/>. Acesso em: 25 out. 2025.

PENA, Victor Hermann Mendes. **Zona cinza**: como perceber a catástrofe. 2020. 420 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

POLESSO, Natalia Borges. **A extinção das abelhas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. 307 p.

RELÓGIO do Juízo Final marca 89 segundos para a meia-noite, o menor tempo já registrado na história. G1, [S.L], 28 jan. 2025. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ciencia/noticia/2025/01/28/relogio-do-juizo-final-segue-proximo-do-fim-do-mundo.ghtml>>. Acesso em: 29 out 2025.

SAGAN, Carl. **Bilhões e bilhões**: reflexões sobre vida e morte na virada do milênio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 265 p.

SANTOS, Karen Larissa Martins dos. *A extinção das abelhas*, de Natalia Borges Polesso: solidão e resistência nos vários colapsos do nosso tempo. **Anuário de Literatura**, Florianópolis, v. 29, p. 01–12, 2024. DOI: 10.5007/2175-7917.2024.e100698. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/100698>. Acesso em: 26 out. 2025.

STENGERS, Isabelle. **No tempo das catástrofes**: resistir à barbárie que se aproxima. São Paulo: Cosac Naify, 2015. Tradução de: Eloisa Araújo Ribeiro.

TANNER, Kathryn. **Work, Time, and Finance-Dominated Capitalism**. 2021. In TANNER, Kathryn. *Cristianismo e o Novo Espírito do Capitalismo*. Yale University Press: 2021. Disponível em: <https://yalebooks.yale.edu/2021/08/10/work-time-and-finance-dominated-capitalism/>. Acesso em: 26 out. 2025.

TEIXEIRA, Tais Alves. A mulher lésbica e o habitar em risco na ficção pós-pandemia de “A extinção das abelhas”. **Cadernos do PET Filosofia**, [S. l.], v. 14, n. 27, p. 41–50, 2023. DOI: 10.26694/cadpetfilo.v14i27.4649. Disponível em: <https://periodicos.ufpi.br/index.php/pet/article/view/4649>. Acesso em: 31 out. 2025.

TSING, Anna Lowenhaupt. **O cogumelo no fim do mundo**: sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo. São Paulo: N-1 Edições, 2022. 416 p.